



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Artes e Letras

**Prática de Ensino Supervisionada  
Educação Visual (7º Ano)  
O Lúdico como Recurso Metodológico**

Rita Andreia Andrade Aragonez Cabeças Ribeiro

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em  
**Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino  
Secundário**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador Científico: Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Oliveira Caiado  
Orientador Pedagógico: Dr. João Paulo Trigueiros

Covilhã, Outubro de 2012



*“Na verdade, tantas coisas extraordinárias se tinham passado recentemente que Alice começava a convencer-se de que poucas seriam as impossíveis de realizar.”*

Lewis Carroll in *Alice no País das Maravilhas*



# Agradecimentos

Eis que chegou o momento de expressar os meus mais sinceros agradecimentos, não apenas aos “velhos” e queridos, mas a todos os que se revelaram ao longo deste percurso.

Devo, antes de mais, salientar que esta não foi uma caminhada breve, mas uma travessia que parecia sem fim, marcada por ocorrências pessoais, das quais destaco o nascimento do meu filho e por constantes desafios que tantas vezes desafiaram a minha capacidade de resistência.

Bem sei que posso não dar conta desse “muitíssimo obrigada” como é merecido, mas deixo aqui algumas palavras àqueles que direta ou indiretamente me acompanharam:

À minha família, por sermos uma verdadeira família.

Aos meus **pais**, porque estão sempre ao meu lado e porque sei que vou poder contar sempre com eles.

Ao **Flávio**, pelo companheirismo, motivação, força, amizade e amor.

À minha **irmã** pela dedicação ao meu filho, por ter tomado tão bem conta dele nos momentos em que eu estive ausente.

Aos **colegas** do Núcleo de estágio: Anas, Francesco, Márcia e Alda pelo bom ambiente em que decorreu o estágio e pela enriquecedora troca de experiências. Um especial obrigada à Ana Sofia e Márcia. À colega e amiga Ana Quadrado, agradeço a partilha, paciência e disponibilidade.

À Professora Doutora Fátima Caiado, agradeço a amizade, a compreensão, o apoio e a validação, o entusiasmo, o incentivo e sobretudo a luz que me iluminou em momentos de ânimo e desânimo.

Ao meu orientador, Doutor João Paulo Trigueiros agradeço a constante preocupação, disponibilidade e acima de tudo por ter demonstrado sempre o seu lado mais humano. Pelo estímulo e desafio no sentido de abertura a novas perspetivas e abordagens.

Ao Doutor Paulo Morais, agradeço a liberdade que me concedeu ao longo dos dois períodos, “partilhando” abertamente a sua turma e pela confiança que demonstrou sempre nas minhas capacidades.

A toda a comunidade escolar da Escola Secundária Quinta das Palmeiras, pela sua receptividade, simpatia e respeito pelo nosso trabalho.

Aos meus queridos alunos do 7ºD, pelo respeito e empatia, construídos ao longo destes meses juntos. Por me terem dado a oportunidade de aprender de forma prazerosa.

À minha amiga Magda, pela paciência e ajuda.

E por fim ao meu filho Manuel, a quem dedico este trabalho.

**A todos o meu muito Obrigada!**

## Resumo

O presente relatório foi elaborado como parte integrante da Unidade Curricular *de Estágio Pedagógico, 2º Ciclo*, do Mestrado em Ensino das Artes Visuais para o 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Pretende fazer uma abordagem crítica e reflexiva sobre o percurso formativo seguido pela professora estagiária durante a Prática de Ensino Supervisionada, no ano letivo de 2011/2012.

Uma primeira parte diz respeito à pesquisa científica, cujo tema é “*O Lúdico como recurso metodológico*”, pretende analisar e compreender como é que este pode ser uma ferramenta metodológica no processo de ensino-aprendizagem das crianças e jovens. A segunda parte é concernente ao relatório da prática pedagógica, que decorreu na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, no Concelho da Covilhã, no âmbito da disciplina de Educação Visual. Faz o relato de todo o processo de trabalho prático desenvolvido com a turma do 7º D, com a supervisão do professor cooperante e acompanhamento do docente da disciplina.

No final são apresentadas as considerações finais, onde se inclui uma reflexão pessoal, assim como a bibliografia e os anexos, contendo todo o material auxiliar para a prática letiva.

## Palavras-chave

Lúdico, Jogo, Ensino da Arte, Prática de Ensino Supervisionada



# Abstract

The present report has been prepared as an integral part of the Curriculum of Pedagogic Stage Unit, 2nd cycle, of the masters in Teaching of Visual Arts to the 3rd cycle of basic education and Secondary Education. It pretends to do a critical and reflective approach to the formative course followed by the teacher intern during the Supervised teaching Practice, in the academic year 2011/2012.

A first part concerning scientific research, whose theme is "the Ludical methodology as a resource", intends to analyze and understand how this can be a methodological tool in the teaching-learning process of children and young people. The second part, relates to the report of pedagogical practice, that took place in Quinta das Palmeiras, secondary school in the municipality of Covilhã, concerning the subject Visual Education. It reports to all the practical work process developed with the 7º D class under the supervision and participation of the cooperative teacher and the subject's teacher.

In the end, the final reflections are presented, including a personal approach, as well as bibliography and subjects containing all the material used in the teaching practice.

# Keywords

Playful, Game, Art Education, Supervised teaching Practice



# Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
Índice	xi
Lista de Figuras	xiv
Lista de Tabelas	xvii
Lista de Gráficos	xviii
Lista de Acrónimos	xix
Introdução	1
Capítulo I Pesquisa Científica	3
1.1. Os Atuais Desafios na Educação	3
1.1. O Lúdico no Contexto Histórico e Social	5
1.2. O Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem	8
1.3. O Jogo como Ferramenta Pedagógica	11
1.4. O Jogo no Ensino da Arte	14
1.5. Reflexões finais	17
Capítulo II Relatório da Prática de Ensino Supervisionada	19
2.1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	19
2.2. Caracterização do Contexto Escolar	21
2.2.1. A Escola Secundária Quinta das Palmeiras	21
2.2.2. Recursos Físicos	25
2.2.3. A Sala de Aula	25
2.2.4. A Comunidade Educativa	26
	xi

2.2.5. O Departamento de Expressões e Grupo Disciplinar	27
2.2.6. O Orientador Cooperante	28
2.2.7. O Núcleo de Estágio	29
2.2.8. A Turma 7ºD	30
2.3. Enquadramento da Disciplina Lecionada	35
2.3.1. O Currículo Nacional do Ensino Básico	35
2.3.2. O Currículo Nacional do Ensino Básico   Educação Artística	39
2.3.3. A disciplina de Educação Visual	41
2.3.3.1. Organização Curricular da disciplina de Educação Visual	41
2.3.4. A Planificação Anual da Disciplina de Educação Visual	45
2.4. Ação Didática e Pedagógica	48
2.4.1. Sínteses dos Métodos e Estratégias de Ensino/Aprendizagem	49
2.4.2. Avaliação	50
2.4.3. Aulas Realizadas	54
2.4.3.1. Unidade de Trabalho 1	58
2.4.3.2. Unidade de Trabalho 2	65
2.5. Atividades Curriculares e Extra Curriculares	70
2.5.1. Atividades Curriculares	71
2.5.1.1. Articulação e Colaboração na Comunidade Escolar	71
2.5.1.2. Observação de Aulas	72
2.5.2. Atividades Extra Curriculares	73
2.5.2.1. Blog “Olhar Palmeiras”	73
2.5.2.2. Exposição “A Forma”	74

2.5.2.3. Exposição “Artiris”	75
2.5.2.4. Exposição Ecco Design	76
Considerações Finais	79
Bibliografia e Webgrafia	82
Índice de Anexos	86
Índice de Apêndices	88

# Lista de Figuras

Figura 1- Organograma da organização das entidades a que o estagiário pertence .....	28
Figura 2- Núcleo de Estágio .....	29
Figura 3 - Organização espacial dos alunos na sala de aula .....	33
Figura 4 - Matriz Curricular do 3º Ciclo do Ensino Básico .....	39
Figura 5- Ficha Diagnóstico .....	51
Figura 6- Exemplo da Ficha de Auto-avaliação .....	52
Figura 7- Exemplo da Grelha de Avaliação Intercalar .....	52
Figura 8- Exemplo do Powerpoint apresentado .....	55
Figura 9- Exemplo da Ficha Diagnóstico .....	56
Figura 10- Exemplo do Powerpoint sobre normas para a execução da capa .....	57
Figura 11- Exemplos das capas executadas pelos alunos .....	57
Figura 12- Planificação a Curto Prazo .....	58
Figura 13- Exemplo do Powerpoint sobre os Elementos Estruturais da Linguagem Plástica ....	59
Figura 14- Exemplo de alguns trabalhos realizados pelos alunos na UT1 .....	60
Figura 15- Exemplo do Powerpoint apresentado sobre os Elementos Estruturais da Linguagem Plástica .....	61
Figura 16- Exemplos dos trabalhos realizados pelos alunos .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Figura 17- Exemplo do Powerpoint apresentado sobre Transformação da Forma .....	63
Figura 18- Exemplos elaborados pela Professora Estagiária .....	62
Figura 19- Exemplos de alguns trabalhos realizados pelos alunos .....	64
Figura 20- Alguns momentos da ação da PES .....	65

Figura 21- Exemplo do Jogo realizado para apresentação dos conteúdos da UT 2.....	68
Figura 22- Exemplo do Powerpoint sobre Poesia Visual.....	68
Figura 23- Trabalhos realizados pelos alunos .....	69
Figura 24- Trabalhos realizados pelos alunos .....	70
Figura 25- Trabalhos realizados pelos alunos sobre Poesia Visual <b>Erro! Marcador não definido.</b>	
Figura 26- Alguns momentos da ação da PES dos colegas de Núcleo de Estágio.....	72
Figura 27- Página do Blog Olhar Palmeiras .....	74
Figura 29- Exposição no Bloco D.....	75
Figura 28- Cartaz relativo à Exposição "A Forma" .....	74
Figura 30- Exposição no Bloco A.....	75
Figura 31- Exposição "Artiris" .....	76
Figura 32- Materiais alusivos à divulgação da Exposição "Eco Design" .....	77
Figura 33- Espaço da Exposição Ecco Design na Casa dos Magistrados .....	78



# Lista de Tabelas

Tabela 1- Distribuição dos alunos pelas turmas .....	26
Tabela 2- Recursos Humanos   Situação Profissional dos professores da escola .....	26
Tabela 3- Recursos Humanos   Pessoal não docente .....	27
Tabela 4- Número de aulas lecionadas no 1º Período .....	48
Tabela 5- Número de aulas lecionadas no 2º Período .....	48
Tabela 6- Número de aulas lecionadas no 3º Período .....	48

## Lista de Gráficos

Gráfico 1- Identificação Género.....	31
Gráfico 2- Idade dos Alunos.....	31
Gráfico 3- Área de Residência dos alunos .....	31
Gráfico 4-Tempo Casa - Escola.....	32
Gráfico 5- Situação conjugal dos pais.....	32
Gráfico 6- Número de irmãos.....	32
Gráfico 7- Nível de Escolaridade dos Pais .....	33

# Lista de Acrónimos

[1linha de intervalo]

CNEB	Currículo Nacional do Ensino Básico
CNEBEA	Currículo Nacional do Ensino Básico - Educação Artística
ESQP	Escola Secundária Quinta das Palmeiras
EV	Educação Visual
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
ME	Ministério da Educação
PCT	Projeto Curricular de Turma
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UBI	Universidade da Beira Interior
UT	Unidade de Trabalho
DT	Diretor de Turma



# Introdução

O presente relatório realizado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, tem por base o Protocolo de Cooperação em vigor, entre a Universidade da Beira Interior e a Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras. Realizado sob a Orientação Científica, da Professora Doutora Maria de Fátima Caiado, Professora da Faculdade de Artes e Letras, Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior, Covilhã e do Orientador Cooperante, Doutor João Paulo Trigueiros da Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras.

Quanto à sua estrutura salientam-se dois grandes capítulos: o primeiro centra-se na “pesquisa científica”, que pretende demonstrar a importância de valorizar momentos lúdicos na construção/aquisição de conhecimento através de uma aprendizagem significativa, criativa e ativa, tornando o processo de ensino agradável. Neste capítulo constam cinco pontos estruturantes do mesmo: Atuais Desafios na Educação, seguida de uma síntese sobre o Lúdico no Contexto Histórico e Social; O Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem; O Jogo como Ferramenta Pedagógica; O Jogo no Ensino da Arte, concluindo este ponto expositivo com as Reflexões Finais. O segundo capítulo designado “Relatório da Prática de Ensino Supervisionada”, sintetiza o percurso de aprendizagem efetuado na Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no 3º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na cidade da Covilhã. Este é constituído por cinco pontos fundamentais, começando pela Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada; Contextualização do Contexto Escolar; Enquadramento da Disciplina Lecionada; Ação Didática e Pedagógica e Atividades Curriculares e Extra).

Desta estrutura ainda constam as considerações finais, onde é feita uma reflexão pessoal sobre a Prática de Ensino Supervisionada.



# Capítulo I Pesquisa Científica

Este capítulo pretende demonstrar a importância de valorizar momentos lúdicos na construção/aquisição de conhecimento através de uma aprendizagem significativa, criativa e ativa, tornando o processo de ensino agradável.

## 1.1. Os Atuais Desafios na Educação

“O ensino, tal como todos os outros empreendimentos humanos, não é estático. O processo de moldagem da próxima geração está em desenvolvimento, em conjunto com a sociedade, como um todo. A natureza e o papel do ensino estão inevitavelmente ligados às expectativas que temos relativamente aos nossos estudantes, à nossa compreensão da forma como os humanos aprendem e às nossas crenças sobre o modo como os adultos, particularmente os professores, podem guiar os jovens na sua aprendizagem.” (Ryan et al., 1996)

“Atualmente já não é suficiente que as escolas providenciem competências básicas aos estudantes, é necessário que estes possuam competências mais sofisticadas, como o pensamento complexo e crítico, a resolução de problemas, a ponderação de alternativas, a realização de juízos informados, o desenvolvimento de identidades flexíveis, o trabalho independente e em grupos e o discernimento de cursos de ação apropriados em situações ambíguas.” (Earl & Cousins, 1995)

As salas de aula, atualmente, são o reflexo de uma realidade onde reina o consumismo desenfreado, onde o ser humano é constantemente bombardeado com aparatos tecnológicos e assolado pelo progresso e por questões como a ecologia e o aquecimento global. Nunca pareceu tão difícil educar como nos dias de hoje.

Face a esta realidade mutável, espera-se do professor uma rápida e constante adaptação e reinvenção. Este deve procurar novos métodos de trabalho, possibilitando aos alunos um maior número de estratégias de ensino e aprendizagem, para não se sentir desfasado. Segundo Zagury (2009, Petrusky), pode-se mudar o método e as técnicas de ensino por outras mais modernas, sem que isso melhore a qualidade do ensino, porque não é o método que faz um bom professor: é o professor que faz qualquer método tornar-se efetivo. Ou seja, é essencial que o professor compreenda melhor o modo como os alunos aprendem e o que torna eficaz o ensino, de forma a encontrar melhores formas de responder às necessidades dos alunos de hoje, que se defrontam com um mundo de agitação e de traumas. Hernández (2006, cit.in Ryan, Hargreaves, Earl) afirma que se saiu de uma perspetiva segura para uma nova perspetiva de instabilidade e insegurança, que remete à contemporaneidade. Isso é positivo, pois faz com que as matrizes pedagógicas sejam revistas.

Analisando a escola atual facilmente se constata que existe uma mistura de tendências pedagógicas e que estas não se esgotam com o tempo, resultando numa sobreposição de entendimentos e posturas.

## 1.1. O Lúdico no Contexto Histórico e Social

Etimologicamente a palavra *lúdico* deriva do termo latino *ludus* e significa *brincar*. Santos (2010) considera que “neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é relativa também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte.” Para Ronsoni (2004) é um fato que:

“Independente de cultura, raça, credo ou classe social, toda criança brinca. Todos os seus atos estão ligados à brincadeira. A infância é a idade das brincadeiras. Acreditamos que, por meio delas, a criança satisfaça seus interesses e necessidades particulares.”

Ainda segundo Santos (*cit. in* Silva, 2011) *brincar* assume distintos significados dependendo do ponto de vista a partir do qual o analisamos:

- *Filosofia: o brincar é abordado como mecanismo para contrapor a racionalidade. A emoção deverá estar junto na ação humana quanto à razão.*
- *Sociologia: o brincar tem de ser visto como a forma mais pura de inserção da criança na sociedade.*
- *Antropologia: a criança vai assimilando crenças, costumes, regras, leis e hábitos do contexto social e cultura.*
- *Psicologia: o brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação e de seu comportamento.*
- *Pedagogia: o brincar tem-se revelado como uma estratégia poderosa para a criança aprender.*

O lúdico ganha um novo sentido com o devir e com a evolução das civilizações romana e grega. Assim, Silva (2011) preconiza que:

“Platão defendia a ideia de que nos primeiros anos de vida as crianças devem ter acesso aos jogos educativos, onde devem aprender brincando, em oposição à utilização da violência e repressão tão cultivadas pelo estado espartano, quando este assume a instrução devendo torná-las em bravos soldados.”

O precursor dos estudos sobre a evolução da criança através da brincadeira no cotidiano escolar, do lúdico foi o alemão Froebel (1782-1852). O educador citado considerava que o primeiro recurso da aprendizagem eram as brincadeiras, sendo que para ele o jogo era compreendido como a ação de brincar. Igualmente importantes eram a diversão e as representações que as crianças criavam do mundo concreto para chegar ao entendimento do mesmo. Tal perspectiva é aprofundada por Silva (2011) quando estabelece que “*enquanto a aprendizagem é vista como apropriação e internalização de signos e instrumentos num contexto sociointeracionista, o brincar é a apropriação ativa da realidade por meio da*

*representação.*” Também Dewey (*cit. in* Meneses, 2009) vê o jogo “como forma de apreensão das vivências do cotidiano”.

A educação infantil deve, para Froedel, pressupor a manipulação de materiais que favorecem a apreensão das noções matemáticas, por exemplo. A intencionalidade é a educação de sensações e emoções. O referido educador é, pois, apologista do recurso a “*atividades de cooperação e jogo, entendidos como a origem da atividade mental.*” Este mesmo princípio é defendido por Vygotsky (1984, *cit. in* Santos, 2010) quando afirma que “*é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva.*” Ao mesmo tempo que promove a aquisição de “*hábitos, valores e atitudes o jogo desempenha um papel fundamental na humanização do indivíduo*”, tal como esclarece Ronsoni (2004). Para Silva (2011), “*a brincadeira na perspectiva sócio histórica e cultural é um tipo de atividade cuja base genética é comum à da arte, ou seja, trata-se de uma atividade social*”, que possibilita à criança a recriação da realidade mediante o recurso a simbologias próprias, podendo ainda, tal como completa Meneses (2009), “*ser vista como uma expressão de comunicação*”. Ainda segundo Silva (2011), “*a capacidade de brincar possibilita às crianças um espaço para a resolução dos problemas que as rodeiam*” já que, o “*uso de brinquedos favorece uma maior interação entre as crianças e promove a socialização entre as mesmas.*” Por não atender a uma lógica científica e antes se caracterizar pelas peculiaridades do contexto social da criança, o jogo pode, segundo Meneses (2009), “*sofrer alterações e interpretações de acordo com o contexto social em que ele é praticado e analisado.*”.

Para Meneses (2009),

“O jogo pressupõe um ponto de partida a que chamamos de cultura lúdica, é ela que determina o andamento e o desencadear da brincadeira, a cultura lúdica é fruto de uma interação social e está ligada à cultura de onde e de quem se brinca.”

A mesma autora cita Dewey a propósito da referência que o mesmo faz acerca do carácter social da educação, sendo que este entende que o jogo “*deve se desempenhar para estabelecer a comunicação entre a criança e o seu meio.*” A brincadeira é, assim, entendida como um método que desencadeia a independência das crianças, ao mesmo tempo que as mesmas desenvolvem as suas capacidades motoras e emocionais, mediante o exercício da imaginação e da criatividade. O lúdico funciona, portanto, como um propulsor do desenvolvimento são da criança, promovendo um saudável crescimento mental, bem como uma adequada adaptação social.

Em suma: a atividade lúdica deve ser entendida como um garante de preparação da criança para a idade adulta, já que, tal como Silva (2011) estabelece,

(...) É por intermédio da atividade lúdica que a criança se prepara para a vida, assimilando a cultura do meio em que vive, a ela se integrando, adaptando-se às condições que o mundo lhe

oferece e aprendendo a competir, cooperar com os seus semelhantes e conviver com um ser social.”

## 1.2. O Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem

*“Evitem a compulsão e deixem que as lições dos vossos filhos tomem a forma de jogo. Isto também vos ajudará a ver quais as suas aptidões naturais.”*  
(Platão, in «A República»)<sup>1</sup>

A atividade lúdica propriamente dita não é tão significativa pelo produto da atividade em si, mas antes aquilo que é vivenciado. Assim, os momentos de ludicidade proporcionam a quem os experimenta um *“momento de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, (...) momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro (...)”*, tal como refere Ronsoni (2004). Deste modo, para o mesmo autor, ela deve ser entendida como um processo que conduz à aprendizagem, ao *“desenvolvimento pessoal, social e cultural (...), facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento.”* Conhecimento esse que se constrói, precisamente, na permuta de experiências entre sujeitos. É ainda Ronsoni (2004) quem estabelece que *“o trabalho a partir da ludicidade abre caminhos para envolver todos numa proposta interacionista, oportunizando o resgate de cada potencial.”* Silva (2011) é igualmente apologista do carácter “educacional” do lúdico, já que considera que *“além de proporcionar prazer e diversão, o jogo, o brinquedo e a brincadeira podem representar um desafio e provocar o pensamento reflexivo da criança.”*

Investigações científicas (Axline, 1950; Fleming, 1974; Snyder, 1989, cit. in Sousa, 2033), que procuraram analisar comparativamente diferentes técnicas de educação, encontraram na atividade lúdica da criança o mais forte meio de processar a educação (no sentido do desenvolvimento da personalidade). De acordo com Melo (2005, cit.in Azevedo), vários estudos a respeito de atividades lúdicas vêm comprovar que o jogo, além de ser fonte de prazer e descoberta para o aluno, é a tradução do contexto sócio-histórico refletido na cultura, podendo contribuir significativamente para o processo de construção do conhecimento do aluno como mediador da aprendizagem. Para Silva (2010), *“a escola, ao valorizar as atividades lúdicas, ajuda a criança a formar um bom conceito de mundo, em que a afetividade é acolhida, a sociabilidade vivenciada, a criatividade estimulada e os direitos da criança respeitados.”*

Isto é, mediante a brincadeira, a criança apreende os sentidos do mundo que a rodeia, exercita a sua imaginação reinterpretando o real de uma forma própria, ao mesmo tempo que

---

<sup>1</sup> Sousa, Alberto B. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação* - 1º volume. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

contacta com as primeiras regras, socializando com os seus semelhantes, formando-se enquanto cidadão. Deste modo, para a referida autora, o lúdico não deve apenas visar o sucesso pedagógico mas ainda a formação adequada do cidadão, uma vez que *“a consequência imediata dessa ação educativa é a aprendizagem em todas as dimensões: social, cognitiva, relacional e pessoal.”*

Fortuna (2001, *cit. in* Ronsoni, 2004) preconiza que *“em uma sala de aula ludicamente inspirada, convive-se com a aleatoriedade, com o imponderável (...)”* sob este ponto de vista o sentido de *educar* não se esgota na transmissão de informações. É, antes, um contributo para a que a criança tome conhecimento sobre si mesma e sobre os que a rodeiam. Educar é, assim, disponibilizar ferramentas que a capacitem para a escolha do caminho mais adequado à sua personalidade e que se coadune com os seus valores. Deste modo, o professor deve assumir a tarefa de diversificar a prática pedagógica e de procurar, através de recursos variados, estimular o aluno e motivá-lo para o ambiente escolar e para o ensino.

De uma forma sumária, temos pois que, a relação entre o lúdico e a educação é bastante próxima, favorecendo deste modo o ensino de conteúdos escolares. Simultaneamente esta relação funciona como motivação no ensino do educando.

Desta forma, percebemos a necessidade do professor incluir as atividades lúdicas nos diferentes momentos da sua planificação, sem esquecer que o jogo exige partilhas, confrontos, negociações e trocas, promovendo conquistas cognitivas, emocionais e sociais.

O professor surge como um mediador, que deve apresentar os jogos, organizar os grupos, mostrar as regras, e principalmente, estabelecer elos significativos entre os conteúdos e cada atividade lúdica. Cabe a ele ainda perceber qual é o melhor momento para fazer uso desses recursos. Segundo Moratori (2003, *cit. in* Vargas e Lemes), ao optar por uma atividade lúdica o educador deve ter objetivos bem definidos. Esta atividade pode ser realizada como forma de conhecer o grupo com o qual se trabalha ou pode ser utilizada para estimular o desenvolvimento de determinada área ou promover aprendizagens específicas.

Quando bem exploradas, as atividades lúdicas proporcionam a troca de saberes, a socialização e o desenvolvimento social e cognitivo, influenciando diretamente o processo de ensino aprendizagem. Estes fatores são essenciais para a construção de uma relação entre educadores e educandos, condição básica para a constituição de uma prática educativa de qualidade e para a descoberta e apropriação do “mundo dos saberes e dos fazeres”.

Para Kishimoto (1994, p.13):

“O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola.”

Em suma, os objetivos dos jogos ou das atividades lúdicas não se resumem apenas a facilitar que o aluno memorize o assunto abordado, mas induzem o aluno a raciocinar e a refletir. Além disso, contribuem para o desenvolvimento de competências e habilidades, aumentando ainda a motivação dos alunos durante as aulas, pois o lúdico é integrador de várias dimensões do aluno, como a afetividade, o trabalho em grupo e as relações com regras pré-definidas, promovendo a construção do conhecimento cognitivo, físico e social. De acordo com Pestalozzi *“a escola é uma verdadeira sociedade, na qual o senso de responsabilidade e as normas de cooperação são suficientes para educar as crianças, e o jogo é um fator decisivo que enriquece o senso de responsabilidade fortificando as normas de cooperação.”* (Queiroz, 2009).

### 1.3. O Jogo como Ferramenta Pedagógica

O jogo motiva a construção de esquemas de pensamento-ação e de raciocínio lógico. Ao colocar desafios, leva o jogador a procurar soluções, obrigando-o a desenvolver estratégias de pensamento-ação, como a capacidade de antecipação da atitude do outro e, inclusive, da sua própria. Trata-se de um exercício que “obriga”, qualquer um, tal como uma criança, a considerar o ponto de vista de outrem, sem se olvidar do seu.

Se, tal como afirma Paulo Freire (1997), só existe ensino se acontecer aprendizagem, torna-se fulcral usar estratégias alternativas que garantam, ao aluno, o seu irrevogável direito de aprender e de encontrar soluções para os problemas. Assim sendo o lúdico é uma estratégia para que aconteça a aprendizagem, de uma forma pessoal.

Complemento essencial, no processo de ensino-aprendizagem do aluno, o lúdico é um dos caminhos que leva a criança, através da imaginação e da brincadeira, a aprender com desejo e vontade, atingindo objetivos úteis na “realidade” que a circunda, sem que se aperceba.

O jogo, em todas as suas manifestações, não é só um “passatempo” para entreter ou distrair os alunos, de outros afazeres escolares, considerados mais “sérios”, pelo contrário, é uma exigência inata do organismo humano na busca da plenitude do seu desenvolvimento pois instiga o crescimento e o desenvolvimento, a coordenação muscular, as faculdades intelectuais, a iniciativa individual, preparando no caso das crianças mais jovens o advento da palavra e da necessidade de socializar de forma saudável, estimulando sempre, ao longo da vida, a capacidade de concentração, de observação (das pessoas e do contexto sociocultural em que cada um vive). Através do jogo, o indivíduo brincando, testa hipóteses, explora toda a sua espontaneidade criativa, fazendo uso das suas potencialidades de maneira integral.

Cabe então perguntar-se como acontece o conhecimento através do lúdico. Para isso é necessário, primeiro, saber detetar e avaliar as várias fases do desenvolvimento que pautam um processo de ensino-aprendizagem que poderíamos denominar de dinâmico, face ao tradicional que é unívoco e igual para todos (perigosamente democrático, uma vez que todos temos capacidades, interesses e personalidades distintas e sobretudo somos seres pensantes, com capacidade para resolver uma situação, de diversas formas). Vygotsky, que não sustenta a ideia de fases estanques de desenvolvimento, encara e analisa que o desenvolvimento e as funções psicológicas superiores ocorrem e são construídas ao longo da vida sendo que, para este autor, o sujeito não é ativo nem passivo, é interativo. Para Piaget, que delimita fases para explicar o desenvolvimento infantil, o jogo permite, às crianças, assimilar e transformar a realidade.

Pegando no conceito de interatividade do sujeito, facilmente chegamos à panaceia das novas tecnologias e da interação ilimitada que permitem, seja a nível social, seja a nível solitário. O aluno, por meio do computador, tem uma forma divertida e pessoal de aprender. Seja através dos jogos eletrónicos, muitos dos quais são jogados em partilha em rede, com crianças de todo o mundo. Partindo do princípio de que não queremos que os nossos jovens sofram de infoexclusão e de que, para serem ativos social e profissionalmente, têm que dominar as novas tecnologias da informação e comunicação, na realidade, nas sociedades ditas desenvolvidas, os jogos eletrónicos são os responsáveis de, as crianças e adolescentes, saberem muito mais do que os seus próprios pais sobre *hardware* e sobre as múltiplas funcionalidades do muito *software* que experimentam, sem medo, característica da maioria das crianças e adolescentes para quem o medo de falhar ou errar ainda não entrou no seu vocabulário de atitudes pois é muito mais importante o desafio e como vencê-lo. De facto a criança ou jovem só necessitam de ser guiados de forma a serem seletivos e exigentes na informação que escolhem, assim necessitam de ser inseridos em ambientes de ensino que privilegiem a construção do conhecimento e possibilitem uma visão aberta (global) do mundo.

Está provado que, o processo de aprendizagem, em ambiente computacional e, em concreto, o uso da informática pode promover, de maneira mais rápida e eficaz, do que outros ambientes de aprendizagem, pequenos e incessantes saltos qualitativos no desenvolvimento do pensamento humano, em concreto no emprego de raciocínio abstrato e nas inferências lógicas. No entanto, de nada adianta um *software* educacional repleto de recursos e imagens se não existir um conteúdo que disponha de uma relevância pedagógica (Barbosa, s.d.).

Também está provado que os jogos eletrónicos permitem, aos sujeitos, cujos processos de aprendizagem, não seguem os padrões comuns de desenvolvimento (inclusive, pessoas limitadas por “deficiências”) não são menos desenvolvidos, mas sim desenvolvem-se de forma diferenciada. Nalguns tipos de jogos eletrónicos não há vencedores nem perdedores o que faz com que a criança experimente hipóteses, tome decisões baseadas nas possibilidades apresentadas no jogo e possa desenvolver a sua criatividade, combinando os elementos ou construindo outros para resolver o jogo. No ambiente virtual do jogo, a criança simula a sua visão da realidade, expressando os seus sentimentos e interpretando, de diversas formas, as imagens e sons da linguagem multimédia cujo apelo é não só visual, mas sinestésico.

No que se refere aos jogos que podem ser utilizados em sala de aula, sejam eles jogos mais tradicionais, com ou sem recurso ao computador, é necessário que haja por parte do professor, um cuidado rigoroso na sua planificação. O tempo e o espaço definem as características de cada jogo. Assim, o professor deve optar por atividades possíveis de se realizar, que lhe permitam cumprir os seus objetivos e ir de encontro às expectativas dos alunos, tornando estes momentos prazerosos e evitando momentos de confusão. Segundo Kishimoto (1993, cit.in Zumpichiatte) o papel educativo do jogo é auxiliar positivamente a formação cognitiva, social e moral dos indivíduos. O mesmo autor afirma: “*O desequilíbrio*

*entre estas funções provoca duas situações: não há mais ensino, há apenas jogo, quando a função lúdica predomina ou, o contrário, quando a função educativa elimina todo hedonismo, resta apenas o ensino” (1993, pág. 114).*

“Muitos jogos são introduzidos em salas de aula apenas como um novo recurso material, modificando um pouco a dinâmica de explanação dos conteúdos, mas sem proporcionar aos alunos momentos lúdicos reais. Para a escolha deste tipo de jogo os envolvidos no processo, supervisores de ensino, coordenadores pedagógicos e professores precisam ter em mente a utilidade de cada um para auxiliar os alunos na aprendizagem (...) Deve-se entender que os jogos educativos não são sinônimos apenas de materiais didáticos, fazem parte destes também os jogos cooperativos e outros que objetivam o desenvolvimento de conteúdos, habilidades e atitudes.” ( Zumpichiatte, 2009)

Atualmente sabe-se que os jogos didáticos são um ótimo recurso, desde que bem trabalhados e com um objetivo claro e coerente. Cabe ao professor estar preparado e atualizado e perceber que, a forma como se realiza o jogo, envolve várias ações, que geram múltiplos sentimentos, como exaltação, tensão, alegria, frustração. O professor deve observar e respeitar a faixa etária dos seus alunos, proporcionando-lhes oportunidades conforme o seu desenvolvimento e interesse.

“De acordo com seus objetivos, o educador deve: propor regras ao invés de impô-las, permitindo que o aluno elabore-as e tome decisões; promover a troca de ideias para chegar a um acordo sobre as regras; permitir julgar qual regra deve ser aplicada a cada situação; motivar o desenvolvimento da iniciativa, agilidade e confiança; contribuir para o desenvolvimento da autonomia. Um jogo, para ser útil no processo educacional, deve promover situações interessantes e desafiadoras para a resolução de problemas, permitindo aos aprendizes uma auto-avaliação quanto aos seus desempenhos, além de fazer com que todos os jogadores participem ativamente de todas as etapas.”(Vargas e Lemes, s.d.)

Como afirma Piaget (1971, *cit.in* Vargas e Lemes), o confronto de diferentes pontos de vista , essencial ao desenvolvimento do pensamento lógico, está sempre presente no jogo, o que torna essa situação particularmente rica para estimular a vida social e a atividade construtiva do indivíduo.

Podemos afirmar que a prática de jogos só acontece de maneira eficiente quando o professor atua como orientador nesse processo. Cria em ambiente estimulador, organizado e capaz de atingir os objetivos propostos pelo jogo. Assim sendo, o uso pedagógico de jogos, visa favorecer a aprendizagem e contribuir na avaliação do aluno.

## 1.4. O Jogo no Ensino da Arte

A escola e a educação, tendo como principal objetivo a construção da pessoa, implicam a aquisição de competências transversais, as quais nos permitem compreender a complexidade do que nos rodeia e de nós mesmos. Essas competências transversais verificam-se no âmbito pessoal, escolar e profissional, estando intimamente ligadas ao modo e à forma como olhamos e como criativamente construímos, transformamos e assimilamos o nosso próprio conhecimento. O contributo da arte nesta tarefa complexa é essencial, pois, a arte permite-nos explorar os sentidos, a cognição e a afetividade, fornecendo-nos ferramentas essenciais para podermos superar as vicissitudes da vida de um modo inteligente e criativo, recriando, e (re)inventando a própria realidade.

(...) A função da arte é ampliar o mundo das sensações, dos sentimentos, das emoções e dos mitos da pessoa. A arte produz uma ampliação da atenção e da vivência, quer dizer, muitas coisas que normalmente passam despercebidas, que tu observas muito genericamente, o poeta, o pintor, o escultor e assim por diante, põem em destaque e, de repente, tu vês uma coisa que aparentemente tu já tinhas visto, mas tu vês de uma forma tão nova, tão surpreendente e tão deleitosa e prazenteira, que tu mesmo te surpreendes. (Fernando Pessoa, *cit. in* Groff e Trindade, 2003)

Elliot Eisner (*cit. in* Raposo, 2004) aponta um motivo fulcral para o reconhecimento da importância da arte na educação: *“ajudar os alunos a perceber que existe uma outra maneira de viver, uma outra maneira de pensar, uma outra maneira de estar no mundo”*.

Um programa educacional não pode tomar a arte como um mero elemento decorativo. Ela valoriza a organização do mundo da criança e do jovem, a sua auto-compreensão, o relacionamento com o outro e com o meio. Neste sentido, o desenvolvimento de trabalhos deve seguir o lúdico e o fazer, com a ação mais significativa que os resultados, ou seja, deve conduzir o educando à pesquisa e ao desenvolvimento das linguagens artísticas, ao crescimento de sua autonomia e à sua capacidade inventiva.

(...) A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brincar, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido - do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos. No espaço educacional comprometemo-nos com a nossa "visão de mundo", com nossa palavra. Estamos ali em pessoa - uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de idéias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente." (Duarte (s.d), *cit. in* Leão (s.d)).

Arquimedes Santos (2000, *cit. in* Raposo, 2004) distingue diferentes modalidades, ao nível das expressões, considerando o seu papel no desenvolvimento da criança: corporal, vocal, musical, gráfico-plástica, dramática. Estas modalidades integram o desenvolvimento psicossocial da criança, facilitando um evoluir harmonioso, ao nível da psicomotricidade e das esferas afetiva e cognitiva. Muitas das expressões radicam na atividade lúdica, o que levou o autor a considerar uma Psicopedagogia da Atividade Lúdica. Considerando a triangulação educação, jogo e arte, o autor faz-lhes corresponder respetivamente, os atributos liberdade, sensibilidade e solidariedade. Esta triangulação suporta a reflexão sobre o que uma educação lúdica e uma educação artística e estética terão em comum. Assim, a atividade lúdica é valorizada para uma mais autêntica expressão artística e estética, numa intencionalidade educativa. A atividade do jogo assenta no conceito de liberdade, também válido para a da arte.

(...) Trata-se de uma liberdade como manifestação de uma impulsão livre que implica uma relação de interação entre o imaginário e a razão, cujo objetivo é o próprio jogo. Isto é, Para que o jogo possa acontecer, é necessário jogar com alguém, implicando participação e comunicação. O mesmo acontece com o que está perante a obra de arte: é necessário que penetre na obra, que procure lê-la e compreender o que ela quer dizer, o que a leva a interpelar-nos. A própria obra vive da relação de comunicação que estabelece com o recetor. (Raposo, 2004)

Shiller referiu a importância de uma educação estética na formação do homem e sugeriu a atividade lúdica como forma metodológica. Este autor aborda o estudo das ligações entre arte, educação e jogo, concebendo uma educação eminentemente estética em que o jogo será o seu modo metodológico fundamental. O jogo constitui uma função elementar da vida humana (Sousa, 2003).

Por seu lado, Piaget entende que a ludicidade é uma ferramenta pedagógica que exerce uma função fundamental para o desenvolvimento da criatividade, iniciativa e autonomia, como também para a apropriação dos diversos saberes produzidos historicamente pela humanidade. A Arte é uma forma de registro destes saberes, é fonte de humanização, pois possibilita ao homem tornar-se consciente de sua existência individual e social, questionando, interpretando o mundo e a si mesmo (Sousa, 2003).

Assim, a principal tarefa do professor de Arte é a de instrumentalizar o seu educando na perspectiva de fazer uma nova leitura do mundo, extraindo do objeto artístico a diversidade cultural e compreendendo a necessidade de uma alfabetização estética. Para haver construção de conhecimentos em Arte, o professor deve problematizar as situações, desafiando o aluno a solucioná-las, a fim de desenvolver as suas estruturas mentais e afetivas.

Alguns autores consideram importante a inclusão do brincar e da brincadeira como parte integrante dos métodos e procedimentos, incorporadas às aulas de arte, pois as experiências com brincadeiras, quando estruturadas adequadamente, podem motivar processos construtivos e expressivos dentro dos conteúdos da disciplina (Petrauski, s.d.).

No ensino de artes, o jogo possibilita aos alunos aprenderem a fazer leituras de imagens e outras atividades, de forma diferenciada. No entanto, quando se propõe trabalhar conteúdos de Arte por meio de jogos, é preciso dominar a função e o desenvolvimento do jogo, interligando-o à sala de aula e fazer a pré-seleção de um conteúdo, com algum tema que possa integrar arte-educação. Assim, o professor deve estar preparado, demonstrando domínio dos conteúdos, das estratégias e planejando sempre as suas aulas, garantindo assim a qualidade almejada. Um determinado conteúdo pode ser apresentado num primeiro momento por meio de um jogo, e aprofundado a seguir com explicações, com exemplos e exercícios, que podem ser desde desenho, pintura, colagem, modelagem, entre outros. Também existe a possibilidade de apresentar um conteúdo novo, como a iniciação a uma nova unidade didática, e então usar o jogo justamente como atividade de fixação. O lúdico ainda pode entrar na sala de aula como um momento de descontração ao final das atividades, ou mesmo como quando o professor percebe que a aula está exaustiva (Petrauski e Diaz, 2008).

Desta forma, quando bem planejadas, as atividades lúdicas permitem à criança estabelecer relações lógicas, integrar percepções variadas e elaborar conceitos, constituindo-se um valioso recurso didático para o professor e para o aluno.

## 1.5. Reflexões finais

*“Ao falarem de estratégias, as ciências da educação subentendem a ludicidade. O professor joga com programas, alunos, condições de trabalho e com os próprios métodos, quando procura vencer-lhes as resistências. Cada aula assim é um jogo e cada ano letivo é também um jogo feito de muitos jogos.” (Cabral, 2001)*

Vivemos numa época marcada por grandes avanços tecnológicos, inclusivamente na educação. O computador e a Internet tornaram-se ferramentas cruciais dentro e fora da escola e as crianças têm, mais do que nunca, acesso facilitado a todo o tipo de informação. Ao professor, enquanto educador, cabe-lhe a enorme responsabilidade de alcançar a aprendizagem dos alunos, fazendo a integração dos conteúdos curriculares propostos e de criar novas metodologias, tendo em vista a motivação dos alunos e a sua aquisição de conhecimentos. É necessário procurar soluções que despertem na criança o interesse pela descoberta de maneira prazerosa e com responsabilidade (Zumpichiatte, 2009).

(...) O ato de brincar, de apropriar-se dos conhecimentos, de problematizar, de estudar é realmente um trabalho penoso, difícil, que exige disciplina intelectual e que se ganha somente praticando. A ação de procurar e de apropriar-se dos conhecimentos para transformar, exige dos estudantes esforço, participação, indagação, reflexão, socialização com prazer, relações essas que constituem a essência psicológica da educação lúdica. (Freire, cit. in Zumpichiatte, 2009)

Um estudo realizado por Negrine (s.d., cit.in Azevedo) mostra que as atividades prazerosas atuam no organismo causando sensação de liberdade e espontaneidade. Segundo este autor, brincar não significa que o jovem ou adulto volte a ser criança, mas é um meio que possibilita ao ser humano integrar-se com os outros, consigo mesmo e com o meio social. Nas atividades lúdicas, as condições de seriedade, compromisso e responsabilidade não são perdidas, pelo contrário, são sentidas, valorizadas e conseqüentemente ativam o pensamento e a memória, além de gerar oportunidades de expansão das emoções, das sensações de prazer e da criatividade.

Neste sentido, é importante incluir no quotidiano escolar a atividade lúdica, de forma a contornar a monotonia das aulas e a repetição de exercícios. Quando o professor recorre aos jogos, cria na sala de aula uma atmosfera de motivação, que permite aos alunos participarem ativamente no processo ensino aprendizagem.

Desta forma, constatamos que o lúdico pode ser uma excelente ferramenta pedagógica, que contribui para o crescimento e desenvolvimento das crianças e jovens ao nível cognitivo, emocional e social.

Faltaria agora, após este “manifesto” da defesa do Lúdico e do jogo no ensino, fazer um levantamento de possíveis práticas e atividades que, conjugadas com a arte ou através da arte, servissem de estímulo à aquisição de estratégias de conhecimento e aprendizagem, significativas e impulsionadoras de uma atuação criativa. Assim, tratando-se de um tema de suma importância terá que ser desenvolvido e operacionalizado, numa fase de investigação posterior a este Relatório de Estágio.

# Capítulo II Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

## 2.1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

O presente capítulo pretende fazer uma resenha sobre a Prática de Ensino Supervisionada (PES), decorrida ao longo do ano letivo 2011/2012. Esta decorreu na Escola Secundária Quinta das Palmeiras (ESQP), na cidade da Covilhã, sob a orientação do docente da Escola, Orientador Cooperante João Paulo Trigueiros, e da Supervisora da Universidade da Beira Interior, Professora Doutora Fátima Caiado.

A professora estagiária Rita Ribeiro, autora do presente relatório, é licenciada em Design Multimédia pela Universidade da Beira Interior, na Covilhã. A PES afirmou-se como uma ferramenta fundamental para a sua formação profissional e pessoal. A PES desenvolveu-se no 3º ciclo do ensino básico, com uma turma do 7º ano, na disciplina de Educação Visual. Sendo esta uma disciplina de caráter obrigatório, obedece a um programa específico (ver tabela...) estipulado pelo ME, que é a base da planificação das aulas lecionadas.

Para um melhor enquadramento de todo este processo, o presente capítulo é constituído por cinco partes principais: Caracterização do Contexto Escolar; Enquadramento da Disciplina lecionada; Ação Didática e Pedagógica; Atividades Complementares e Extra Curriculares; Articulação e Colaboração; e Análise Crítica do Estágio. Ao longo de toda a exposição vai-se verificando a remissão para anexos que pretendem completar a leitura de todo o processo da PES.



## 2.2. Caracterização do Contexto Escolar

A Escola Secundária Quinta das Palmeiras (ESQP) é muito mais do que história, metodologias e estratégias. É reflexo de uma comunidade escolar cooperativa e acolhedora. Este capítulo pretende

### 2.2.1. A Escola Secundária Quinta das Palmeiras

A Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras situa-se na cidade da Covilhã, no distrito de Castelo Branco. Iniciou a sua atividade em 1987, como a Escola N°3, uma vez que já existiam na cidade outras duas escolas secundárias, o que, de certa forma, dificultou a sua implementação e conquista da população do concelho da Covilhã. Assim, numa fase inicial, a escola limitava-se essencialmente a receber alunos “dispensados” por outras escolas, muitos deles, com necessidades educativas especiais e com problemas muito diversificados.

A escola deparou-se assim com o grave problema de não ter soluções tão diversificadas e complexas e a partir daí assentou a sua ação na procura de respostas educativas e adequadas a esses alunos, um trabalho cooperativo, que envolveu toda a comunidade educativa.

“Dessa forma, a escola, paulatinamente, foi assumindo o paradigma humano, procurando promover-se como um espaço educativo e cultural, facilitador do sucesso escolar de todos os alunos e da realização profissional dos docentes e não docentes. Nesta linha, a escola pretende pensar-se e agir com a finalidade de promover uma formação integrada dos alunos, enfatizando simultaneamente os valores humanos de defesa e salvaguarda da vida, da integridade física, psicológica e moral, de promoção do respeito por si e pelos outros e de valores de justiça, honestidade, liberdade e verdade.”<sup>2</sup>

Ao longo da sua existência a escola tem vindo a criar uma identidade própria, mantendo sempre o 3º Ciclo do Ensino Básico e em 2002 passa também a integrar o ensino secundário.

---

<sup>2</sup> Projeto Educativo de 2010 da Escola Secundária Quinta das Palmeiras. “ O *Projeto Educativo* é um documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escola ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa.” *Alínea a) do ponto 1 do artigo 9º do Decreto-Lei de 75/2008 de 22 de Abril de 2008*, cit. Projeto educativo ESQP. Disponível no site [http://www.quintadaspalmeiras.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=120&Itemid=75](http://www.quintadaspalmeiras.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=120&Itemid=75)

De acordo com o respetivo Projeto Educativo (ver Anexo 1), a ESQP assume o paradigma Humano ao promover-se como espaço educativo e cultural, no cultivo do sucesso escolar dos alunos e da realização profissional de docentes e não docentes. Assume, assim, as seguintes missões:

- Promover a formação integral dos alunos, enfatizando valores humanos de defesa e salvaguarda da vida, da integridade física, psicológica e moral, de promoção do respeito por si e pelos outros e de valores de justiça, honestidade, liberdade e verdade;
- Desenvolver nos alunos atitudes de auto-estima, de respeito mutuo e regras de convivência que contribuam para a sua educação como cidadãos tolerantes, justos e autónomos, organizados e civicamente responsáveis;
- Assegurar a formação escolar prevista para o terceiro ciclo e secundário tendo em conta os interesses e características dos alunos e o seu contexto cultural e social;
- Defender e promover o trabalho colaborativo no sentido da construção de práticas profissionais de qualidade;
- Promover nos alunos o gosto pela construção autónoma dos seus saberes;
- Promover a igualdade de oportunidade de sucesso escolar, visando minimizar dificuldades específicas de aprendizagem e integração escolar e desigualdades culturais, económicas e sociais;
- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida, promovendo hábitos de vida saudáveis;
- Proporcionar espaços de formação para toda a comunidade escolar;
- Promover e apoiar a inovação tecnológica enquanto processo de garantir a melhoria das aprendizagens;
- Criar e manter nos alunos o hábito da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida, de modo a atingir níveis mais elevados de literacia.
- Proporcionar aos alunos informação e ideias fundamentais para poderem ser bem sucedidos na sociedade cultural, baseada na informação e conhecimento;
- Enfatizar valores locais, nacionais e europeus.

Em 2006, a Escola foi sujeita a uma avaliação externa<sup>3</sup> obtendo a classificação máxima em todos os domínios: resultados, prestação do serviço educativo, a organização e gestão escolar, a liderança e a capacidade de auto-avaliação e de progresso da escola. Desta

---

<sup>3</sup> A atividade de Avaliação Externa enquadra-se no âmbito da avaliação organizacional e pretende assumir-se como um contributo relevante para o desenvolvimento das escolas e para a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos numa perspetiva reflexiva e de aperfeiçoamento contínuo. A sua implementação é desenvolvida no quadro da Lei n.º 31/2002, de 20 de dezembro.

avaliação resultou um contrato de autonomia<sup>4</sup> (ver Anexo 2), com vista à prestação de um serviço público de qualidade, que assenta em cinco domínios: no acesso de todos os alunos, no sucesso para todos, no apoio socio-educativo, na participação de todos e na cidadania.

No contrato de autonomia estão expressos os seguintes objetivos gerais e operacionais:

#### **Objetivos Gerais:**

- Criar as condições que assegurem a estabilização e o desenvolvimento do Projeto Educativo da Escola, que aglutina diversas iniciativas e desenvolvimentos expressos nas diversas cláusulas a seguir;
- Garantir, de uma forma coerente e sustentada, uma progressiva qualificação das aprendizagens e do percurso educativo dos alunos;
- Apostar na qualidade do sucesso educativo;
- Valorizar os saberes e a aprendizagem;
- Incrementar a visão integrada de Currículo e Avaliação;
- Valorizar as diferentes componentes e áreas do currículo;
- Promover a participação e desenvolvimento cívico;
- Enfatizar a articulação departamental e intra departamental (diferentes grupos disciplinares);
- Apostar na coerência e sequencialidade entre ciclos e a articulação destes com o ensino secundário.
- Valorizar as componentes experimentais, bem como as dimensões artísticas, culturais e sociais;
- Rentabilizar a distribuição do serviço letivo, tendo em conta critérios pedagógicos;
- Garantir a Equidade e a Justiça;
- Incentivar a articulação/ligação com as famílias;
- Garantir que a conceção, planeamento e desenvolvimento da atividade educativa tem em conta as linhas e princípios orientadores do Projeto Educativo;
- Assegurar uma gestão equilibrada e eficaz dos Recursos Humanos;
- Apostar na qualidade, utilização e acessibilidade dos recursos;
- Promover a motivação e empenho de todos;

---

<sup>4</sup> A publicação do decreto-lei 115-A/98 corresponde a uma legislação acerca da gestão e administração das escolas. Para além das diversas alterações que implicou na estrutura das escolas públicas portuguesas do ensino básico e secundário, este novo ordenamento jurídico refere-se diretamente o processo faseado de desenvolvimento da autonomia das escolas através dos contratos de autonomia.

Segundo este decreto-lei “a autonomia da escola desenvolve-se e aprofunda-se com base na iniciativa desta e segundo um processo faseado em que lhe serão conferidos níveis de competência e de responsabilidade acrescidos, de acordo com a capacidade demonstrada para assegurar o respetivo exercício” (artigo 47, n.º 1).

- Incentivar a abertura à Inovação;
- Desenvolver parcerias, protocolos e projetos com parceiros exteriores à escola, quer no âmbito nacional quer internacional;
- Promover a avaliação interna e externa da escola;
- Criar / Desenvolver um Centro Tecnológico

#### **Objetivos Operacionais no 3º Ciclo:**

- Erradicar o absentismo e o abandono escolar para 0%.
- Diminuir em 20% a taxa de insucesso escolar no final no 7º, 8º e 9ºanos de escolaridade.
- Aumentar o número de alunos que transitam com zero níveis negativos nas Áreas Curriculares Disciplinares.
- Diminuir em 20% o número de alunos que transitam com dois ou mais níveis negativos nas Áreas Curriculares Disciplinares, no 7º ano.
- Diminuir em 15% o número de alunos que transitam com dois ou mais níveis negativos nas Áreas Curriculares Disciplinares, no 8º ano.
- Diminuir em 10% o número de alunos que transitam com dois ou mais níveis negativos nas Áreas Curriculares Disciplinares, no 9º ano.
- Reduzir, no 7º ano de escolaridade, a taxa de insucesso em 10% nas disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa e Inglês.
- Reduzir, no 8º ano de escolaridade, a taxa de insucesso em 10% nas disciplinas de Matemática e de Língua Portuguesa.
- Reduzir, no 9º ano de escolaridade, a taxa de insucesso em 5% nas disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa e Línguas estrangeiras.

#### **Objetivos Operacionais no Ensino Secundário:**

- Tender para 0 % a taxa de abandono escolar.
- Diminuir a taxa de insucesso escolar em 10%, nos cursos científico-humanísticos, não descurando uma aferição dos resultados obtidos nas classificações internas com as classificações de Exame;
- Atingir a taxa global de sucesso escolar em valores iguais ou superiores a
- 80%;
- Diminuir a taxa de insucesso em 10% nas disciplinas de Filosofia, Matemática, Línguas Estrangeiras e Físico-Química.
- Reduzir a diferença entre as percentagens de aulas previstas e dadas de modo a atingir 100%.

Atualmente designada Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras é uma escola de referência, quer pelo ensino de alunos com necessidades educativas especiais, quer pelo ensino tradicional no 3º Ciclo e Secundário. Pioneira nas novas tecnologias, inaugurou em 2011 o Centro Tecnológico, que tem subjacentes os seguintes objetivos: Impulsionar o sucesso educativo dos alunos com a utilização das novas tecnologias; integrar professores no uso pleno das novas tecnologias em aula; Fomentar a investigação de novas tecnologias aplicadas ao ensino/aprendizagem; Promover a investigação de novas tecnologias aplicadas a alunos com Necessidades Educativas Especiais; Combater a infoexclusão na sociedade local; Desenvolver programas técnico-pedagógicos para aluno com Necessidades Educativas Especiais; Estabelecer parcerias com instituições e empresas locais.

### 2.2.2. Recursos Físicos

Construída na década de 80, na antiga Quinta das Palmeiras, situa-se numa zona privilegiada da cidade, dispondo de grandes áreas envolventes, que se distribuem entre espaços verdes e pátios. Constituída por 4 blocos, a escola dispõe ainda de Pavilhão Gimnodesportivo e de um Centro Tecnológico.

Quadro 1- Distribuição Interna da Escola

<b>BLOCO A</b>	<b>BLOCO B</b>	<b>BLOCO C</b>	<b>BLOCO D</b>	<b>TECNOLÓGICO</b> <b>CENTRO</b>	<b>PAVILHÃO</b> <b>GIMNODESPORTIVO</b>
Auditório Biblioteca Sala de Professores Secretaria Reprografia Sala Informática Sala Multimédia Salas de Aulas Buffet / Bar Sanitários Conselho Executivo Sala DT Sala Reuniões APO e SASE	Laboratórios Arrecadações Salas de Aulas Manutenção Sanitários Anexos Laboratórios	Salas de Aulas Arrumos Salas de Educação Visual Salas Oficinas de Arte Arrecadações Sanitários Laboratórios TIC	Refeitório Sala Ass. Estudantes Sala Ass. Pais Sala Convívio Alunos Gabinete NEE Sanitários	Salas Multimédia Sala Informática Biblioteca Sala de Conferências Escritórios Sanitários	Balneários Sanitários Sala de Professores Arrumos Arrecadação

### 2.2.3. A Sala de Aula

A sala de aula disponibilizada para a disciplina de Educação Visual é um espaço amplo, com várias janelas, permitindo uma boa iluminação natural. Quanto aos equipamentos verifica-se a existência de um quadro; uma secretária para o professor; várias mesas e cadeiras para os alunos; três armários para arrumação de materiais (incluindo as capas dos alunos); lavatório; painéis de cortiça para colocar informação e trabalhos dos alunos; bem como duas despensas, onde se guardam os materiais para as aulas e trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

Quanto a tecnologias, a sala dispõe de um projetor e um computador com acesso à Internet, através da rede *Wireless* da Escola. Estas ferramentas foram fundamentais para a apresentação de conteúdos e das atividades a desenvolver pelos alunos na aula.

#### 2.2.4. A Comunidade Educativa

A Escola recebeu, no presente ano letivo 793 alunos que residem, na sua maioria, na cidade ou nas freguesias vizinhas. Estão distribuídos por todos os níveis de ensino lecionados na escola, desde o 7º ano até ao 12º ano, e agrupados por turmas que se constituem de acordo com os valores definidos por lei.

Tabela 1- Distribuição dos alunos pelas turmas

	A n o d e E s c o l a r i d a d e						Total
	7º	8º	9º	10º	11º	12º	
Total de Turmas	4	5	5	6	6	5	32
Total de Alunos	109	123	144	146	136	135	793

O corpo docente da escola é composto por 107 professores, pertencentes na sua maioria ao quadro de nomeação definitiva.

Tabela 2- Recursos Humanos | Situação Profissional dos professores da escola

P e s s o a l d o c e n t e	
Professores de quadro de nomeação definitiva	65
Professores destacados no exterior	2
Professores destacados	17
Professores contratados	14
Professores estagiários	9
	<b>Total 107</b>

O corpo não docente da escola é constituído por 40 funcionários, divididos pelas seguintes funções: auxiliares de ação educativa, funcionários administrativos, cozinheiro, auxiliares de alimentação, guardas-noturnos e psicólogo educacional.

Tabela 3- Recursos Humanos | Pessoal não docente

<b>P e s s o a l   n ã o   d o c e n t e</b>	
Psicólogo educacional	1
Assistente técnico	7
Assistente operacional	32
<b>Total</b>	<b>40</b>

### 2.2.5. O Departamento de Expressões e Grupo Disciplinar

O Departamento de Expressões é responsável pelas disciplinas de Educação Visual e Arte e Design (disciplina de oferta de escola) do 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos de escolaridade), e no Ensino Secundário, pelas disciplinas de Design de Comunicação e Audiovisuais e Técnicas de Multimédia, do Curso Profissional de Multimédia e Geometria Descritiva A, do Curso de Ciências e Tecnologias, (quando existe um número suficiente de alunos inscritos para a abertura de turma).

A coordenação do Departamento de Expressões está a cargo do professor Francisco Fernandes, a coordenar o Grupo Disciplinar de Artes Visuais, encontra-se a professora Maria Alcina Santos e o Núcleo de Estágio de Artes Visuais é da responsabilidade do professor João Paulo Trigueiros, Orientador Cooperante da Universidade da Beira Interior.

O grupo disciplinar de Artes Visuais é composto por cinco professores, a saber: António Amaral, João Paulo Trigueiros, Maria Alcina Santos, Maria Nunes Afonso e Paulo Morais, com uma facha etária compreendida entre os 40 e os 60 anos. Quatro professores têm formação em Design (Moda Vestuário, Multimédia e Gráfico) e um em Escultura (Prof. Trigueiros). Todos são professores integrados no quadro de nomeação definitiva (professores que pertencem ao quadro da escola).

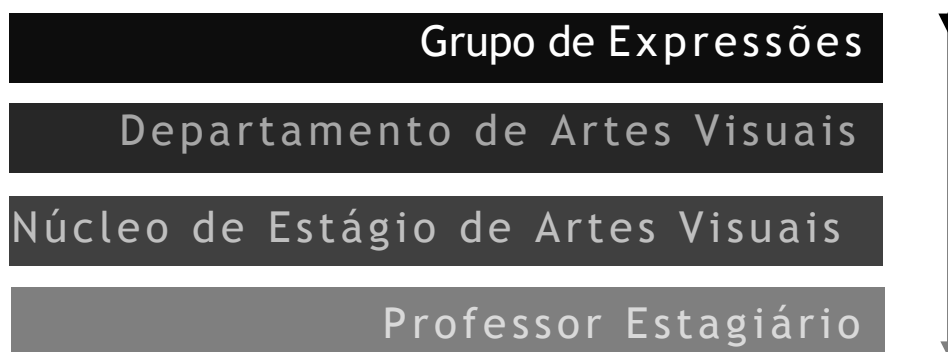


Figura 1- Organograma da organização das entidades a que o estagiário pertence

### 2.2.6. O Orientador Cooperante

O professor Cooperante João Paulo Trigueiros, nasceu em 1952 em Coimbra. Licenciou-se em Artes Plásticas, Escultura, pela Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes em 1985, com dezasseis valores, classificação de bom com distinção. Concluiu a sua profissionalização em exercício em 1988 com a classificação de 14,7 valores.

A lecionar desde o ano letivo de 1975/76, conta com uma vasta experiência no Segundo, Terceiro Ciclos e Secundário, destacando-se a colocação contínua de vinte anos na Escola Secundária de Cascais. Atualmente a exercer na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na Covilhã, como professor do quadro de nomeação definitiva.

Durante alguns anos foi Professor Relator na correção e reapreciação de provas de exame do 11º e 12º anos. Elaborou Provas Globais e Exames de equivalência à Frequência. Lecionou ou leciona disciplinas como: Artes Visuais (Ensino Recorrente noturno), Educação Visual e Arte e Design do 3º Ciclo, Geometria Descritiva A e B, História da Arte, História das Artes Visuais, Oficina das Artes, Desenho, Tecnologia do Design, Oficina do Design, Teoria do Design e Materiais e Técnicas de Expressão Plástica, todas do Secundário. No seu percurso como professor, exerceu até ao momento os seguintes cargos: Diretor de Turma, Coordenador de Grupo, Coordenador de Departamento, Orientador de Estágios e Relator de Grupo para a Avaliação de Professores.

No que diz respeito aos cursos creditados para a formação contínua de professores, há que referir aqui, os cursos: “Avaliação de Competências: A Avaliação no Quadro da Reorganização Curricular do Ensino Secundário” realizado em 2005 pelo C.F.C.P. de Cascais na Escola Secundária de Cascais e o curso “A Prática da Avaliação Docente” de 2008, realizado pelo C.F. da Associação de Escolas da Beira Interior, na Escola Pêro da Covilhã.

Do seu currículo constam ainda, em 1975, a formação de Animador Cultural, seguindo-se a direção de duas equipas de animadores culturais do antigo F.A.O.J. do Ministério da

Educação, em dois bairros “problemáticos” de Lisboa, cargo que deixou de exercer para cumprir o serviço militar, na altura obrigatório e ainda, no ano letivo de 1999/2000, os estudos e implementação do Curso Técnico-Artístico financiado no âmbito do Fundo Social Europeu, medida 3 da acção 3.1 do PRODEP I e, de uma forma mais empenhada, no planeamento do curso 5, Artes Plásticas, na Escola Secundária de Cascais, onde foi formador.

### 2.2.7. O Núcleo de Estágio

O Núcleo de Estágio de Artes Visuais da Universidade da Beira Interior, para o ano letivo 2011/2012, da Escola Secundária Quinta das Palmeiras, da cidade da Covilhã, é constituído por cinco estagiárias: Alda Amaro, Ana Sofia Jesus, Ana Quadrado (autora deste relatório), Márcia Pereira, e Rita Ribeiro, e por um estagiário, Francesco Pignatelli.



Figura 2- Núcleo de Estágio

As cinco estagiárias são de origem portuguesa, naturais da zona centro do país, enquanto que o estagiário é oriundo de Itália, mais concretamente, do sul do país. As formações base dos estagiários são bastante diversificadas, a saber:

- A professora estagiária Ana Quadrado licenciou-se em Escultura pela Escola Universitária das Artes - ARCA/EUAC (Coimbra) e no estágio tem a seu cargo uma turma do 8º ano, na disciplina de oferta de escola Arte e Design.
- O professor estagiário Francesco Pignatelli é formado em Arquitetura pela Università degli Studi della Basilicata (Licenciatura) e pela Universidade da Beira Interior (Mestrado) e no estágio tem a seu cargo uma turma do 8º ano, na disciplina de Arte e Design.
- A professora estagiária Ana Jesus licenciou-se em Design Gráfico, pela Escola Superior de Artes Aplicadas (Castelo Branco) e no estágio tem a seu cargo uma turma do 7º ano, na disciplina de Educação Visual. Possui experiência como docente no Ensino Secundário e Ensino Profissional.
- A professora estagiária Alda Amaro licenciou-se em Artes da Imagem - Ramo Multimédia e Audiovisuais, pela Escola Superior de Artes Aplicadas (Castelo Branco) e no estágio tem a seu cargo uma turma do 9º ano, na disciplina de Educação Visual.

- A professora estagiária Márcia Pereira é licenciada no Curso de Professores do 2º Ciclo, variante de Educação Visual e Tecnológica, pela Escola Superior de Educação (Castelo Branco) e no estágio tem a seu cargo uma turma do 7º ano, na disciplina de Educação Visual. Possui experiência como docente no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico.

- A professora estagiária Rita Ribeiro é licenciada em Design Multimédia, pela Universidade da Beira Interior (Covilhã) e no estágio tem a seu cargo uma turma do 7º ano, na disciplina de Educação Visual.

Ao nível de experiência na docência, enquanto as estagiárias Ana Jesus, Márcia Pereira e Alda Amaro já lecionaram no 2º e 3º Ciclo, detendo alguma experiência pedagógica, os estagiários Ana Quadrado, Rita Ribeiro e Francesco Pignatelli realizam atualmente a sua primeira experiência pedagógica como professores estagiários.

O professor cooperante era docente de disciplina da maioria das turmas atribuídas aos professores estagiários, com exceção da turma do 7º D, atribuída à professora estagiária Rita Ribeiro, da qual era titular o professor Paulo Morais.

### **2.2.8. A Turma 7ºD**

O objetivo deste capítulo é a caracterização da turma na qual ocorreu a prática de ensino supervisionada. Nele serão analisadas as características gerais dos alunos, como a idade, nacionalidade e historial de retenções; a relação família/escola; o tempo despendido pelos alunos na deslocação escola/casa; a vida escolar dos alunos e por fim, a distribuição dos alunos na sala de aula. Todos os dados foram retirados do Projeto Curricular de Turma<sup>5</sup> (ver Anexo 4), fornecido pelo DT, o Professor Francisco Barata.

Tratando-se de uma turma do 1º ano do 3º Ciclo, é a primeira vez que os alunos frequentam a Escola Secundária Quinta das Palmeiras. Os alunos vieram de diferentes escolas da Covilhã e de turmas diferentes.

O 7ºD foi a turma observada e acompanhada aquando da prática de ensino supervisionada no decorrer do 1º e 2º períodos do ano letivo 2011-2012. Esta turma é composta por vinte e oito alunos, dos quais catorze são raparigas e catorze são rapazes (ver gráfico 1), com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos (ver gráfico 2).

---

<sup>5</sup> O Projeto Curricular de Turma (PCT) surge, na legislação recente, acoplado ao projeto curricular de escola no Decreto Lei 6/2001. O PCT é realizado no início do ano e elaborado em função da turma, é apresentado como um documento que define o que se pretende de cada um dos alunos. O PCT também tem, uma caracterização da turma, problemas identificados, as prioridades ao nível de estratégias e capacidades a desenvolver, e critérios de avaliação.

### Identificação Género

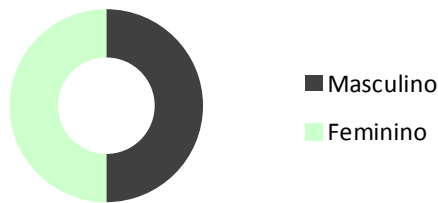


Gráfico 1- Identificação Género

### Idade dos Alunos

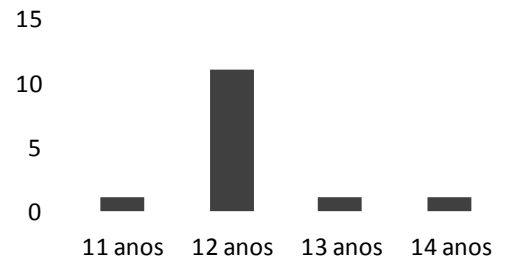


Gráfico 2- Idade dos Alunos

No que respeita ao seu passado escolar, apenas dois alunos apresentam um historial de retenções, ambas no período do 1º Ciclo. No PCT consta um aluno com NEE, embora este não tenha frequentado as aulas de Educação Visual.

Todos os alunos da turma são de nacionalidade portuguesa e a maioria reside no conselho da Covilhã, como se pode verificar no gráfico 3. O tempo de deslocação para a escola é em média pouco elevado, uma vez que mais de 60% dos alunos demora entre cinco e dez minutos, de casa à escola. Quatro alunos demoram entre onze e vinte minutos no seu percurso para a escola e apenas três alunos demoram entre vinte e trinta minutos. Existem ainda quatro alunos que demoram menos de 5 minutos a chegar à escola (ver gráfico 4). Trata-se portanto de um grupo de alunos cuja área de residência é na área envolvente à escola. Em relação ao transporte que os alunos utilizam para se deslocarem à escola, verifica-se que a maioria utiliza o automóvel e/ou o autocarro e três alunos deslocam-se sempre a pé.

### Área de Residência dos alunos



Gráfico 3- Área de Residência dos alunos

### Tempo Casa - Escola

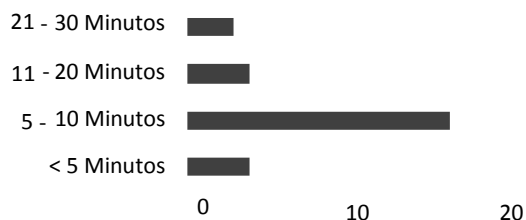


Gráfico 4-Tempo Casa - Escola

Quanto ao agregado familiar, o gráfico 5 indica que a maioria dos alunos vive com ambos os pais e apenas dois alunos têm família monoparental. Relativamente à idade dos pais, 43% têm idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos, outros 43% têm idades compreendidas entre os 41 e os 50 anos e apenas 14,3% tem idade superior a 51 anos. O papel do encarregado de educação é maioritariamente desempenhado pela mãe.

### Situação conjugal dos pais

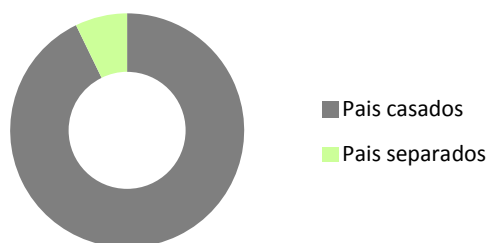


Gráfico 5- Situação conjugal dos pais

### Nº de Irmãos

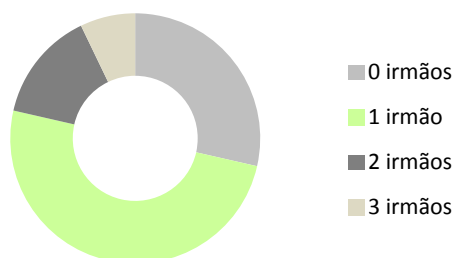


Gráfico 6- Número de irmãos

No que diz respeito ao nível académico dos pais, foram considerados os seguintes parâmetros: 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Superior. Segundo os dados patentes no PCT, 14,2% dos pais cumpriram o Ensino Básico, cerca de 50% completaram o Ensino Secundário e 23,2% possuem curso superior, dos quais 7,1% com Mestrado (ver gráfico 7).

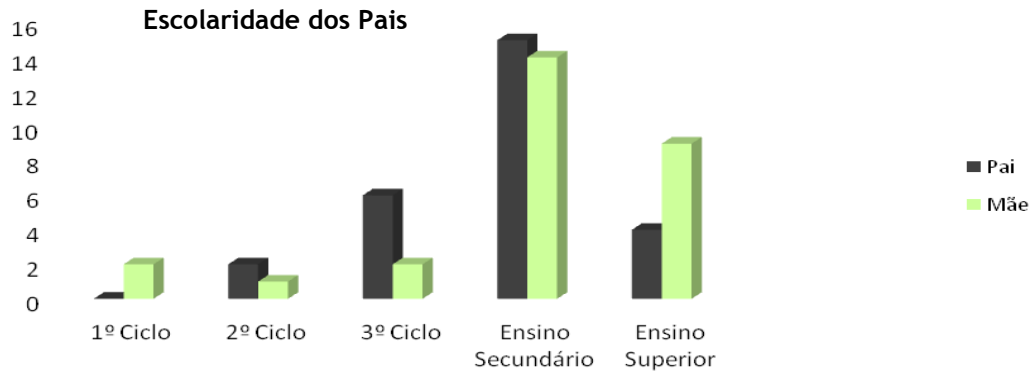


Gráfico 7- Nível de Escolaridade dos Pais

Analisando a situação profissional dos pais, verifica-se que existe uma grande diversidade de profissões e formações e três pais estão em situação de desemprego.

Vejamos o seguinte esquema da planta de sala (Sala de Educação Visual):

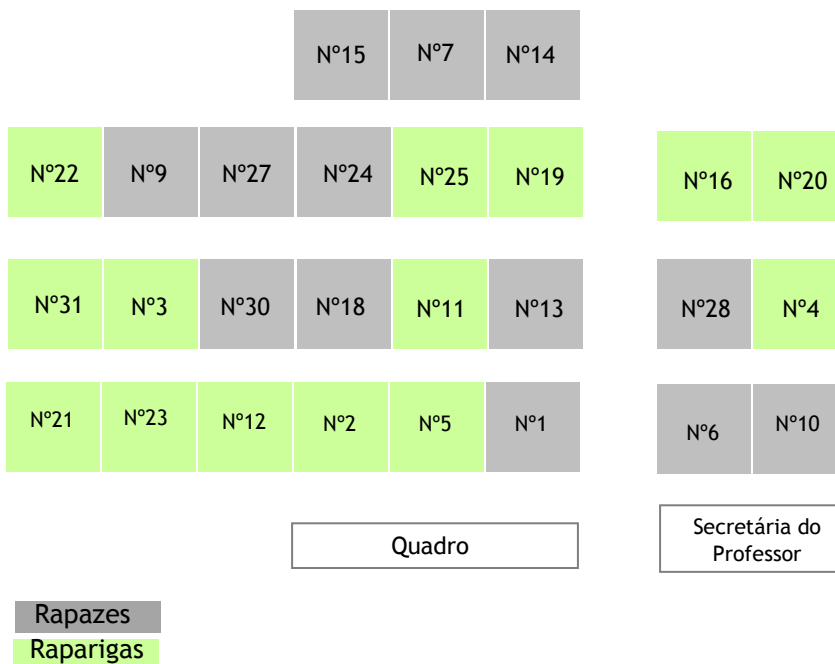


Figura 3 - Organização espacial dos alunos na sala de aula

Quanto à disposição dos alunos na sala de aula, estão sentados lado a lado, sem qualquer espaço entre as mesas, dispostos ao longo de quatro filas. É de salientar que a maioria dos rapazes se encontra na parte de trás da sala e a maioria das raparigas na parte da frente. Esta distribuição da turma na sala de aula e o elevado número de alunos foram fatores determinantes no comportamento dos alunos. Apesar de ser uma turma com um aproveitamento global de bom, a conversa que se fazia sentir nas aulas conduzia muitas vezes à dispersão, impedindo alguns alunos de atingirem o seu potencial e perturbava o bom funcionamento das atividades escolares.

Como identificação de problemas merece referência a existência de alguns alunos com comportamentos inadequados, dificuldades de concentração e dificuldades na elaboração de algumas tarefas. No caso do aluno N°1, apresentava graves dificuldades na aprendizagem e compreensão dos exercícios, revelando falta de autonomia e fraco poder de atenção/concentração. Face às atividades propostas, denotava sempre muita insegurança e falta de iniciativa. O aluno N°27 apresentava frequentemente comportamentos desajustados dentro da sala de aula, sempre na tentativa de concentrar sobre si as atenções dos colegas. Revelava uma baixa auto-estima e reduzidas expectativas de auto-eficácia face à aprendizagem, justificando-se com afirmações como: "não sei", "não quero". Nas tarefas que ia desenvolvendo, com a insistência decorrente de uma atenção mais individualizada por parte da professora, dispersava-se com muita facilidade, nem sempre concluindo as suas tarefas. É ainda de destacar que duas alunas da turma são irmãs gêmeas (N°19 e N°25) e sentam-se lado a lado, fator que acaba por se refletir nos trabalhos realizados, que denotam sempre muitas semelhanças.

Relativamente às expectativas de futuro, a maioria da turma espera alcançar uma formação académica de nível superior.

## 2.3. Enquadramento da Disciplina Lecionada

Para se perceber de onde surge a disciplina de Educação Visual no 3º Ciclo é importante ter em conta o seu enquadramento geral e particular, como se expressa de seguida.

### 2.3.1. O Currículo Nacional do Ensino Básico

*“O currículo do ensino básico diz respeito ao conjunto das aprendizagens que os alunos realizam, ao modo como estão organizadas, ao lugar que ocupam e ao papel que desempenham no percurso escolar ao longo do ensino básico.”<sup>6</sup>*

O Ensino Básico do Sistema Educativo Português agrupa os 1.º 2.º e 3.º Ciclos, fornecendo aos cidadãos o que se chama de formação básica e que é definida inicialmente no Decreto-Lei 48/86, de 14 de outubro, ponto constantemente reafirmado nas alterações decorrentes desta Lei que é conhecida como a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE).

A LBSE determina o carácter universal, obrigatório e gratuito do EB, assinalando, no seu artigo 7.º, que lhe cumpre “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses.”<sup>7</sup>

A LBSE ao definir o conjunto de objetivos gerais do ensino básico explícitos nos artigos 7.º e 8.º da Lei n.º 46/86, refere-se a uma série de competências (conhecimentos, atitudes, aptidões) que são inerentes à educação pela arte e que esta poderá desencadear ou potenciar nomeadamente:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;

---

<sup>6</sup> Consultado no web site: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/default.aspx>

<sup>7</sup> Lei n.º 46/1986 de 14 de Outubro. *Diário da República n.º237/1986* - Série I. Assembleia da República. Lisboa.

- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios;
- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspetiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- l) Fomentar o gosto por uma constante atualização de conhecimentos;
- m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;
- n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;

o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.”<sup>8</sup>

De acordo com o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, a organização e a gestão do currículo subordinam-se aos seguintes princípios orientadores:

- a) Coerência e sequencialidade entre os três ciclos do ensino básico e articulação destes com o ensino secundário;
- b) Integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem;
- c) Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes;
- d) Integração, com carácter transversal, da educação para a cidadania em todas as áreas curriculares;
- e) Valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas e disciplinas, em particular, e com carácter obrigatório, no ensino das ciências, promovendo a integração das dimensões teórica e prática;
- f) Racionalização da carga horária letiva semanal dos alunos;
- g) Reconhecimento da autonomia da escola no sentido da definição de um projeto de desenvolvimento do currículo adequado ao seu contexto e integrado no respetivo projeto educativo;
- h) Valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e atividades de aprendizagem, em particular com recurso a tecnologias de informação e comunicação, visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspetiva de formação ao longo da vida;
- i) Diversidade de ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, por forma a assegurar que todos possam desenvolver as competências essenciais e estruturantes definidas para cada um dos ciclos e concluir a escolaridade obrigatória.

---

<sup>8</sup> Lei n.º 46/1986 de 14 de Outubro. *Diário da República* n.º 237/1986 - Série I. Assembleia da República. Lisboa.

Em conformidade com a atual legislação são inscritas três áreas curriculares não disciplinares, visando responder a necessidades identificadas no processo de formação e desenvolvimento dos alunos e cujos objetivos são os seguintes:

- **Área de Projeto**, visando a conceção, realização e avaliação de projetos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos;
- **Estudo Acompanhado**, visando a aquisição de competências que permitam a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens;
- **Formação Cívica**, espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e coletiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.”<sup>9</sup>

Ao nível da organização curricular no 3ª ciclo, o Decreto-Lei n.º 94/2011, de 3 de agosto, afirma que

“ O Decreto -Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, retificado pela Declaração de Retificação n.º 4 A/2001, de 28 de fevereiro, e alterado pelos Decretos -Leis nos 209/2002, de 17 de outubro, 396/2007, de 31 de dezembro, e 3/2008, de 7 de janeiro, aprova a organização curricular do ensino básico, estabelecendo os princípios orientadores da organização e da gestão curricular desse nível de ensino, bem como da avaliação da aprendizagem e do processo de desenvolvimento do currículo nacional. A alteração que se introduz constitui, na sua essência, um ajustamento na organização curricular prevista nos anexos II e III, sem prejuízo de uma alteração curricular mais profunda que urge fazer.”

---

<sup>9</sup> Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas - Ensino Básico - 1.º Ciclo*. Acedido em 23 de Julho de 2012, em: <http://www.min-edu.pt/data/Prog1CicloEB.pdf>, (p.18).

O decreto-lei apresenta a seguinte matriz curricular do 3º Ciclo

COMPONENTES DO CURRÍCULO		Carga horária semanal (a)							
		7º Ano		8º Ano		9º Ano		Total do Ciclo	
		x 45 min.	x 90 min.	x 45 min.	x 90 min.	x 45 min.	x 90 min.	x 45 min.	x 90 min.
Educação para a cidadania	Áreas curriculares disciplinares:								
	Língua Portuguesa;	5	2,5	5	2,5	5	2,5	15	7,5
	Língua Estrangeira; LE1; LE2.	6	3	5	2,5	5	2,5	16	8
	Ciências Humanas e Sociais: História Geografia	4	2	5	2,5	5	2,5	14	7
	Matemática	5	2,5	5	2,5	5	2,5	15	7,5
	Ciências Físicas e Naturais Ciências Naturais; Físico-Química.	4	2	4	2	5	2,5	13	6,5
	Educação Artística Educação Visual; Outra Disciplina (oferta da escola) (b)	(c) 2	(c) 1	(c) 2	(c) 1	(d) 3	(d) 1,5	11	5,5
	Educação Tecnológica	(c) 2	(c) 1	(c) 2	(c) 1				
	Educação Física	3	1,5	3	1,5	3	1,5	9	4,5
	Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação					2	1	2	1
	Educação Moral e Religiosa (e)	1	0,5	1	0,5	1	0,5	3	1,5
	Área curricular não disciplinar (f)	1	0,5	1	0,5	1	0,5	3	1,5
	Formação Pessoal e Social								
	Total	32 (33)	16 (16,5)	32 (33)	16 (16,5)	34 (35)	17 (17,5)	98 (101)	49 (50,5)
	A decidir pela escola (f)	2	1	2	1	1	0,5	5	2,5
Máximo global	35	17,5	35	17,5	36	18	106	53	
Actividades de enriquecimento (g)									

Figura 4 - Matriz Curricular do 3º Ciclo do Ensino Básico

(a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 45 e de 90 minutos, de acordo com a opção da escola.

(b) A escola poderá oferecer outra disciplina da área da Educação Artística (Educação Musical, Teatro, Dança, etc.) se, no seu quadro docente, existirem professores para a sua docência.

(c) Nos 7.º e 8.º anos, os alunos têm: (i) Educação Visual ao longo do ano letivo; e (ii) numa organização equitativa com a Educação Tecnológica, ao longo de cada ano letivo, uma outra disciplina da área da Educação Artística. No caso de a escola não oferecer uma outra disciplina, a Educação Tecnológica terá uma carga horária igual à disciplina de Educação Visual.

(d) No 9.º ano, do conjunto das disciplinas que integram os domínios artístico e tecnológico, os alunos escolhem uma única disciplina das que frequentaram nos 7.º e 8.º anos.

(e) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º

(f) Carga horária a distribuir pela disciplina de Língua Portuguesa ou de Matemática ou a ser utilizada para atividades de acompanhamento e estudo, de acordo com a opção da escola.

(g) Atividades de caráter facultativo, nos termos do artigo 9.º

Na matriz curricular verificamos que a área curricular disciplinar de Educação Artística é subdividida sendo neste ponto que se enquadra a disciplina onde foi desenvolvida a prática de ensino supervisionada.

### 2.3.2. O Currículo Nacional do Ensino Básico | Educação Artística

O Currículo Nacional do Ensino Básico - Educação Artística (CNEBEA, 2001), refere a importância da arte no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno, promovendo, estimulando e articulando a imaginação, a razão e a emoção, elementos fulcrais para o desenvolvimento pleno de qualquer indivíduo perante a sociedade atual. O mesmo documento reforça a ideia de que as artes permitem criar alicerces para uma integração pessoal e desenvolvimento individual, proporcionando uma melhor construção de sentido e produção de conhecimento que vão sendo evolutivos ao longo de toda a vida. (CNEBEA, 2001)

“A existência de um clube para promover a Educação Artística em Portugal resulta assim da constatação da existência de uma lacuna importante no nosso sistema educativo e, logicamente, de uma necessidade correspondente que queremos ajudar a satisfazer. A lacuna é a ausência da disponibilidade de uma efetiva Educação Artística para todos no nosso país,

tornando necessária, senão mesmo urgente, a perceção desta como componente essencial de uma educação de qualidade para todos, formadora de uma cidadania mais participativa e consciente.”<sup>10</sup>

A educação artística no ensino básico desenvolve-se, maioritariamente, através de quatro grandes áreas artísticas, presentes ao longo dos três ciclos:

- Expressão Plástica e Educação Visual;
- Expressão e Educação Musical;
- Expressão Dramática/Teatro;
- Expressão Físico-Motora/Dança.

No 1º Ciclo, as quatro áreas são trabalhadas de forma integrada, pelo professor da classe.

No 2º Ciclo verifica-se um aprofundamento das disciplinas de Educação Musical e Educação Visual e surge a disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

No 3º Ciclo a disciplina de Educação Visual permanece como obrigatória e é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta de Escola.

“No terceiro ciclo, no que toca à componente de Educação Artística, a Escola oferece a opção de Dança, de Artes e Ofícios e de Arte e Design, por motivos de rentabilização dos recursos físicos e humanos existentes. No nível de Ensino Secundário, e nos termos do previsto pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação, a Escola oferece o Curso de Multimédia, inserido na Área Tecnológica Integrada de componente de formação tecnológica. Faz isto por razões de deteção de uma necessidade regional, ao mesmo tempo que invoca a mesma virtualidade já assinalada na justificação das ofertas formativas de terceiro ciclo, a saber, de rentabilização de recursos da escola.”<sup>11</sup>

De acordo com o CNEB,

“As disciplinas enunciadas são independentes, tendo linguagens, sinais e símbolos próprios (visuais, sonoros, cinéticos) e compreendendo um corpo de saberes, conceitos, formas, géneros, técnicas, processos e significados específicos (...) Todas as atividades artísticas desenvolvidas na escola, ou aí programadas, para serem vividas pelo aluno, quando fundadas nos princípios aqui enunciados, são consideradas parte integrante do currículo do ensino básico.”

---

<sup>10</sup> Consultado no web site: <http://clubunescoedart.pt/>

<sup>11</sup> Projeto Curricular de Escola 2010/2011, Escola Secundária Quinta das Palmeiras

### 2.3.3. A disciplina de Educação Visual

“A Educação Visual constitui-se como uma área de saber que se situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual. Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e de agir plasticamente são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade de Educação Visual como educação do olhar e do ver.”<sup>12</sup>

A disciplina de Educação Visual, inserida na área da Educação Artística, faz parte do currículo dos três ciclos do Ensino Básico. No 7º ano, esta disciplina tem conteúdos teóricos e práticos, tendo uma maior incidência numa componente prática. Ainda no 7º ano, esta disciplina é de carácter obrigatório, com uma carga semanal de 90 minutos.

Segundo o CNEB, a disciplina de Educação Visual está intimamente ligada à Arte, de modo que neste refere-se que “A Arte como forma de apreender o mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura.”<sup>13</sup>

Através desta disciplina procura-se desenvolver as capacidades de comunicação e interpretação dos significados, recorrendo à utilização das linguagens específicas inerentes à mesma. Pretende-se levar os alunos ao entendimento da obra de arte e a questões subjacentes a esta, promovendo o interesse dos alunos na aquisição de conhecimentos a nível artístico.

O professor desta disciplina deverá fomentar a exploração e utilização dos diferentes meios de expressão, explorando diferentes instrumentos em vários suportes, facultando aos alunos novas aprendizagens. “A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade (p. 89).”<sup>14</sup>

#### 2.3.3.1. Organização Curricular da disciplina de Educação Visual

---

<sup>12</sup> Currículo Nacional do Ensino Básico, Educação Artística, Competências Essenciais, p.155.

<sup>13</sup> Currículo Nacional do Ensino Básico, op.cit, p.155.

<sup>14</sup> Citação consultada na prática de Ensino supervisionada de EVT

O Programa de Educação Visual do Ministério da Educação, que abarca o 7º, 8º e 9º anos é a base do planeamento das aulas e das respetivas UT. O Programa está dividido em cinco conceitos distintos: Comunicação; Espaço; Estrutura; Forma e Luz/Cor. Estes conteúdos devem ser desenvolvidos durante os três anos do 3º ciclo, e deverão ser abordados de forma lógica.

De acordo com a nova organização curricular, o 8º ano assume-se como um ano terminal na disciplina de Educação Visual, para muitos jovens. Por conseguinte, no 9º ano esta disciplina assume um carácter opcional.

“Em relação às “áreas de exploração” propostas deve ser dada prioridade absoluta ao desenvolvimento das áreas de Desenho, Pintura e Escultura, sendo que as restantes áreas propostas pelo programa deverão ser geridas de acordo com as disponibilidades de tempo e equipamento de cada escola, bem como dos projetos educativos respetivos. (...) Finalmente devemos salientar que o DESENHO é o exercício básico insubstituível de toda a linguagem plástica, bem como constitui uma ferramenta essencial na estruturação do pensamento visual. Nessa medida, deve ser desenvolvida de forma sistemática, nomeadamente em registos livres, registos de observação ou na representação rigorosa.”<sup>15</sup>

Seguidamente, apresenta-se o programa de Educação Visual do 7º Ano do Ensino Básico:

Quadro 2- Programa de Educação Visual do 7º Ano do Ensino Básico

C o m u n i c a ç ã o	
Conteúdos	Resultados Pretendidos
Elementos Visuais na Comunicação	- Fazer o levantamento gráfico (com lápis, esferográfica, carvão, guaches, marcadores, etc.) do seu desenvolvimento (equipamento, habitação, paisagem, atividades, pessoas, etc.).
Códigos de Comunicação Visual	- Conceber e executar bandas desenhadas. - Conceber e executar sinalizações (de serviços, de circulações, de perigos, etc.).
Papel da Imagem na Comunicação	- Reconhecer e importância das imagens (publicidade comercial, social, política, religiosa, etc.) no comportamento das pessoas. - Executar e reproduzir folhetos informativos. - Executar cartazes.
E s p a ç o	
Conteúdos	Resultados Pretendidos

<sup>15</sup> Ministério da Educação (2004). *Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual - 3º ciclo*. Acedido em 20 de Setembro de 2012, em: [http://sitio.dgdc.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas\\_OrientacoesCurriculares\\_3EA.aspx](http://sitio.dgdc.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_3EA.aspx)

<b>REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO</b>	
Sobreposição Dimensão Cor Claro-escuro Gradação de nitidez	Representar o espaço utilizado, isoladamente ou de modo integrado, as sobreposições, variações de dimensão, de cor e de claro-escuro ou as gradações de nitidez.
<b>Relação Homem-espaço</b>	Registrar as proporções e, em esquema, os movimentos.

## E s t r u t u r a

Conteúdos	Resultados Pretendidos
Estrutura/Forma/Função	- Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que as constituem. - Relacionar a forma e a função dos objetos com a sua estrutura.
Estruturas naturais e criadas pelo Homem	- Representar a geometria das formas naturais e o seu ritmo de crescimento.
Ritmo de crescimento	- Compreender os conceitos de módulos e de padrão.
Módulo/ padrão	- Realizar estruturas modulares (padrões), de suporte e visuais.

## F o r m a

Conteúdos	Resultados Pretendidos
PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA Qualidades formais Qualidades geométricas Qualidades expressivas	- Compreender que a perceção visual das formas envolve a interação da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º ciclo).

<p><b>FATORES QUE DETERMINAM A FORMA DOS OBJETOS</b></p> <p><b>Físicos:</b> Propriedades Materiais</p> <p><b>Económicos:</b> Produção artesanal e produção industrial</p> <p><b>Funcionais:</b> Função principal e subfunções Antropometria e ergonomia</p> <p><b>Estéticos:</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as propriedades físicas de diversos materiais (comportamento em esforço, reação aos agentes exteriores, etc.).</li> <li>- Escolher os materiais a utilizar na resolução de problemas de design, em função das suas propriedades físicas.</li> <li>- Compreender a diferença entre produção artesanal e industrial.</li> <li>- Relacionar a forma dos objetos com as medidas e os movimentos do homem.</li> <li>- Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os fatores considerados.</li> </ul>
--	--

L u z - C o r	
Conteúdos	Resultados Pretendidos
<p><b>A luz - cor no ambiente</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender os efeitos da cor na perceção do Mundo envolvente.</li> <li>- Utilizar os efeitos da cor na melhoria da qualidade do ambiente.</li> </ul>

Além do programa disponibilizado pelo ME para a disciplina, a professora estagiária recorreu a vários manuais (nomeados na Bibliografia), nomeadamente o de Educação Visual, atualizado segundo o programa da disciplina do 3º Ciclo. Estas ferramentas foram essenciais para uma boa planificação e constituíram-se um auxiliar indispensável para a elaboração de algumas apresentações em Powerpoint® apresentados em aula. A Internet foi também um aliado importante da professora estagiária e um meio imprescindível para a realização de aulas mais dinâmicas e criativas.

## 2.3.4. A Planificação Anual da Disciplina de Educação Visual

Quadro 3- Plano Anual de Organização do Ensino-Aprendizagem | Educação Visual

PLANO ANUAL DE ORGANIZAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM					EDUCAÇÃO VISUAL
					7º Ano de escolaridade - Turma D
UNIDADE DIDÁCTICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	PROPOSTA DE TRABALHO	MATERIAIS	CALENDARIZAÇÃO
APRESENTAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aproximar o relacionamento professor/aluno</li> <li>Estimular o cumprimento de normas democraticamente estabelecidas para trabalhar individualmente e em grupo</li> <li>Partilhar espaços de trabalho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Objetivos da disciplina</li> <li>Regras na sala de aula</li> <li>Critérios de avaliação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação de um PowerPoint sobre os objetivos e critérios de avaliação da disciplina</li> <li>Diálogo com os alunos sobre a disciplina</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caderno diário</li> <li>Esferográfica</li> </ul>	1º Período
AValiação DIAGNÓSTICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>Entender e compreender</li> <li>Saber, integrar e articular</li> <li>Comunicar expressivamente</li> </ul>	<p><b>FASE DIAGNÓSTICA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Ficha de avaliação diagnóstica</li> <li>Representação do espaço</li> <li>Sobreposição, dimensão, claro-escuro e gradação da nitidez</li> <li>Perceção e representação visual das formas</li> <li>Qualidades formais, Qualidades Expressivas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Numa folha A4 (suporte) Imagina/Desenha uma Paisagem com os seguintes elementos obrigatórios:</li> <li>1 Uma árvore, destacada e próxima, em que se vejam pormenores e uma floresta afastada</li> <li>2 Uma casa</li> <li>3 Uma estrada ou rio perto da árvore ou casa</li> <li>4 Montanhas</li> <li>5 Outros elementos formais que consideres úteis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Papel A4</li> <li>Lápis de grafite</li> <li>Lápis de cor</li> <li>Esferográfica</li> </ul>	
CAPA	<ul style="list-style-type: none"> <li>Relacionar as partes com o todo entre si (proporções)</li> </ul>	<p><b>GEOMETRIA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Operações constantes na resolução de diferentes problemas (traçados de paralelas e perpendiculares)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenhar geometricamente numa folha de cartolina as medidas para a construção da capa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>2 Cartolinas A2</li> <li>Lápis de Grafite</li> <li>Tesoura</li> <li>Cola</li> <li>Régua</li> <li>Esquadro</li> <li>Elástico</li> </ul>	

U1   A Forma	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender a linguagem visual é uma aprendizagem</li> <li>Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática</li> <li>● Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas</li> <li>● Compreender que a percepção visual das formas envolve a interação da luz, cor, linha, da textura, do volume, etc.</li> <li>● Desenvolver a criatividade</li> <li>● Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume,</li> </ul>	<p><b>A FORMA</b> <b>Perceção Visual da Forma</b></p> <p>Qualidades formais: o ponto, a linha, o plano (volume, textura e cor)</p> <p>Qualidades expressivas: a cor e a luminosidade (claro-escuro)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Registrar graficamente formas naturais a partir da observação direta de frutos naturais.             <ul style="list-style-type: none"> <li>● Apresentação de um PowerPoint sobre os elementos estruturais da linguagem plástica.</li> <li>● Representar as linhas estruturais para o entendimento da forma.</li> </ul> </li> <li>● Usar vários materiais riscadores para assinalar a interação da luz, das linhas, das texturas, do volume, da sombra, etc.             <ul style="list-style-type: none"> <li>● Decalcar com papel vegetal a forma e explorar graficamente vários elementos formais retirados dos registos, tais como: o ponto, a linha, a luz/sombra, mancha/cor e textura</li> <li>● Decalcar com papel vegetal a forma e representar a sua estrutura, através da representação do seu contorno (linhas externas) e linhas internas, mancha/textura, utilizando lápis de grafite, esferográfica, marcadores, lápis de cor e recorrendo à colagem</li> <li>● Decalcar com papel vegetal a forma e elaborar uma composição visual, transformando a forma original do fruto/legume</li> </ul> </li> </ul>	<p>Papel A3 Papel Vegetal Frutos/Legumes Lápis de cor Lápis de grafite Lápis de cera Marcadores Guache/pincéis Esferográfica Revistas Cartolinas Outros materiais Cola Tesoura Régua</p>	<b>1º Período</b>
Auto e hetero - avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Relacionar os resultados já recolhidos por avaliações tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino</li> </ul>	<p><b>AVALIAÇÃO SUMATIVA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Preenchimento das fichas de auto-avaliação</li> <li>● Diálogo individual com cada um dos alunos sobre o seu desempenho ao longo do período</li> </ul>	<p>Esferográfica</p>	
U2   Espaço	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes á percepção do volume.</li> <li>● Compreender a representação do espaço</li> <li>● Desenvolvimento da criatividade</li> </ul>	<p><b>COMPOSIÇÃO VISUAL</b></p> <p>- Exploração plástica bidimensional de materiais e técnicas sobre a Unidade temática</p> <p>- A sobreposição, a dimensão, a cor, claro-escuro, a gradação e nitidez.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Apresentação de um PowerPoint sobre escalas de ampliação e escalas de redução</li> <li>● Representação do espaço</li> <li>● Apresentação de vários exemplos de composições visuais</li> <li>● Através da observação do trabalho desenvolvido nas aulas anteriores os alunos poderão recorrer a vários materiais e aplicar os conhecimentos num trabalho bidimensional respeitando as normas da composição visual.</li> </ul>	<p>- Papel A3 - Caneta Preta - Lápis de cor - Lápis de cera - Marcadores - Guache/Pincéis - Revistas - Tesoura - Cola</p>	<b>2º Período</b>

Estrutura Tridimensional	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relacionar a forma e a função dos objetos com a sua estrutura.</li> <li>- Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</li> <li>- Compreender os conceitos de módulos e de padrão.</li> <li>- Realizar estruturas modulares (padrões), de suporte e visuais</li> </ul>	<p><b>ESTRUTURA   CONCEITO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estruturas naturais e criadas pelo homem.</li> <li>- Estruturas artificiais através de linhas horizontais   verticais   linhas oblíquas   concêntricas   linhas livres</li> </ul> <p><b>ESTRUTURA   BIDIMENSIONAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Composições modulares</li> <li>- A complexidade e a</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de um PowerPoint sobre estruturas bidimensionais e estruturas tridimensionais</li> <li>- Construir vários exercícios sobre noção de estrutura superficial</li> <li>- Elaborar diversos estudos de superfícies bidimensionais utilizando as linhas verticais, horizontais, oblíquas e linhas livres.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel A3</li> <li>- Lápis de cor</li> <li>- Lápis de cera</li> <li>- Canetas de feltro</li> <li>- Compasso</li> <li>- Régua</li> <li>- Esquadro</li> </ul>	2º Período
U5   Comunicação Visual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais</li> <li>- Descrever acontecimentos aplicando metodologias do desenho de ilustração, de Banda Desenhada ou do Guionismo visual</li> <li>- Compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos</li> <li>- Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição</li> </ul>	<p><b>A COMUNICAÇÃO VISUAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Exploração plástica bidimensional de materiais e técnicas sobre a Unidade temática</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Construir um Cubo a partir da sua planificação</li> <li>- Ilustrar a obra “A Menina do Mar” de Sofia de Melo Breyner, utilizando como suporte o cubo</li> <li>- Preencher as 6 faces do cubo, aplicando diferentes técnicas (colagem, desenho)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Papel crepe</li> <li>Cola</li> <li>Materiais riscadores</li> <li>Papel Cavalinho A3</li> <li>Régua</li> <li>Tesoura</li> <li>X-ato</li> </ul>	
<p><b>Avaliação:</b> A avaliação será contínua baseada na intervenção dos alunos durante as atividades de aprendizagem e no desenvolvimento dos trabalhos realizados quer individualmente quer em grupo. Observação direta de diálogo com os alunos; participação, empenho, assiduidade, comportamento, relacionamento interpessoal, cooperação, inter-ajuda, pontualidade e higiene e segurança.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de trabalhos práticos</li> <li>- Atitudes reveladas durante as atividades</li> <li>- Auto e Hetero avaliação</li> </ul>					

## 2.4. Ação Didática e Pedagógica

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”*

Cora Coralina

Este ponto pretende fazer uma compilação das atividades desenvolvidas na disciplina de Educação Visual, ao longo do ano letivo 2011/2012 na ESQP. Sendo uma tarefa quase impossível de compilar em algumas folhas tudo o que foi aprendido, realizado e assimilado, apenas se segue uma síntese geral da prática de estágio supervisionado.

O ano letivo de 2011/2012 começou no dia 15 de Setembro. A autora do relatório teve a oportunidade de lecionar durante o 1º, 2º e início do 3º período à turma do 7º D, na disciplina de Educação Visual. Foram previstas e lecionadas pela professora estagiária, um total de 34 aulas (17 blocos de 90 minutos), das quais, vinte no primeiro período, doze no segundo período e uma no terceiro período. Das trinta e duas aulas lecionadas, três foram assistidas pelo Professor Cooperante João Paulo Trigueiros e as restantes pelo professor titular da disciplina, o Professor Paulo Morais. As aulas de Educação Visual decorreram às quintas-feiras, das 11h45m às 13h15, divididas por dois blocos de quarenta e cinco minutos.

Tabela 4- Número de aulas lecionadas no 1º Período

Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
4	6	8	2	20

Tabela 5- Número de aulas lecionadas no 2º Período

Janeiro	Fevereiro	Março	Total
0	4	8	12

Tabela 6- Número de aulas lecionadas no 3º Período

Abril	Maior	Junho	Julho	Total
2	0	0	0	2

### 2.4.1. Sínteses dos Métodos e Estratégias de Ensino/Aprendizagem

**Acolhimento dos alunos** - Antes da entrada para a sala, os alunos eram esperados à porta por ambos os professores e cumprimentados de forma individualizada. Esta metodologia tinha como objetivo orientar a entrada dos alunos de forma ordeira e criar um ambiente mais acolhedor.

**Dinamismo e interação com os alunos** - A professora estagiária procurou desde início memorizar o nome de todos os alunos, tratando-os sempre pelo nome. No início de cada aula, os alunos tinham espaço para refletir sobre algumas questões e partilhar experiências, nomeadamente situações relativas ao contexto escolar. No decorrer da aula havia sempre a preocupação de circular pela sala, de forma a fazer um acompanhamento de todos os alunos e prestar apoio. Procurou sempre valorizar-se a opinião de todos e respeitar as características de cada um.

**Organização da sala** - No segundo dia de aulas, os alunos foram distribuídos aleatoriamente pela sala de aula. Quando entravam na sala, tiravam um número à sorte e seguidamente deviam sentar-se na mesa com o respetivo número. Esta estratégia tinha como objetivos: criar uma relação de maior proximidade entre todos os alunos da turma; evitar a formação de grupos por conveniência e reduzir a distração dos alunos durante a aula. A partir daí a organização do espaço decorria consoante o trabalho a executar, sendo que por diversas vezes foram constituídos grupos, que por vezes funcionavam como equipa. Esta estratégia resultou muito bem como fator de motivação para os alunos e sobretudo possibilitou a realização de aulas mais dinâmicas e produtivas.

**Acompanhamento individual** - Sempre que possível, a professora circulou pela sala, acompanhando, de forma individualizada, o trabalho dos alunos. Quando necessário prestava apoio, reforçando positivamente as suas qualidades e desvalorizando qualquer constrangimento que pudesse surgir, causado pelos colegas ou pela dificuldade do próprio trabalho.

**Linguagem simples e clara** - Utilização de uma linguagem simples e clara, adequada à faixa etária. Foi fundamental para que os alunos conseguissem compreender e assimilar os conteúdos lecionados e as atividades propostas.

**Utilização de reforços positivos** - todos os alunos eram criticados de forma construtiva, sempre com a preocupação de empregar um reforço positivo. Em alunos com fraca autoestima, que facilmente desistiam dos trabalhos, esta estratégia foi fundamental. Neste tipo de trabalho foi importante não utilizar um discurso negativo, que pode por induzir a criança em erro relativamente à qualidade do seu trabalho e a envergonhar-se perante os colegas.

**Ajustar o ritmo da aula ao dos alunos** - Nem sempre foi possível cumprir a planificação prevista, porque os alunos tinham ritmos de trabalho muito diferentes. Houve necessidade de reajustar a planificação algumas vezes, para que todos os alunos estivessem no mesmo nível. Para que os objetivos fossem sempre cumpridos, foi necessário estipular datas/horas, para a finalização dos trabalhos

**Métodos de avaliação e balanço diferenciados** - Sempre que era proposta uma atividade, eram apresentados os respetivos critérios de avaliação, sendo que, na maioria das vezes, estes, eram ignorados pelos alunos. Para envolver os alunos na sua avaliação e desta forma consciencializa-los para a complexidade do processo de avaliação, a professora estagiária, pediu a todos os alunos que escrevessem três critérios de avaliação, que consideravam ajustar-se à tarefa proposta. De seguida foram escritos no quadro todos os critérios definidos pelos alunos e a professora alertou que todos eles seriam tidos em conta na avaliação. Esta estratégia resultou numa fase inicial do trabalho, porque obrigou os alunos a uma reflexão sobre o que teriam que fazer, mas posteriormente acaba por cair em esquecimento. No final do primeiro período, sugeri uma avaliação personalizada, onde os professores conversavam individualmente com cada aluno, ouviam a sua auto-avaliação e discutiam com o aluno as suas dificuldades e qualidades. Esta estratégia não foi aprovada pelo professor titular, mas no segundo período, por iniciativa deste, a avaliação decorreu desta forma. Este tipo de avaliação elucida os alunos sobre o seu desempenho, ajudando-os a corrigir erros anteriores.

**Metodologias Diferenciadas** - Recurso a jogos lúdico pedagógicos, com conteúdos programáticos.

### 2.4.2. Avaliação

“A avaliação faz parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, sendo um elemento regulador da prática educativa, e tem por finalidade informar Alunos, Professores e Encarregados de Educação do grau de cumprimento dos objetivos do currículo nos domínios dos conhecimentos, das atitudes e das competências. De acordo com o definido no Projeto Educativo de Escola, aprovado em Conselho Pedagógico, a classificação global dos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, deverá integrar aspetos dos domínios dos conhecimentos, aptidões e capacidades e das atitudes e valores, com percentagens definidas pelos Departamentos Curriculares/Grupos Disciplinares, de acordo com as respetivas especificidades.”<sup>16</sup>

No que concerne à avaliação, foi proposto pelo professor orientador, que cada professor estagiário avaliasse as suas aulas, tendo em linha de conta, os critérios de avaliação

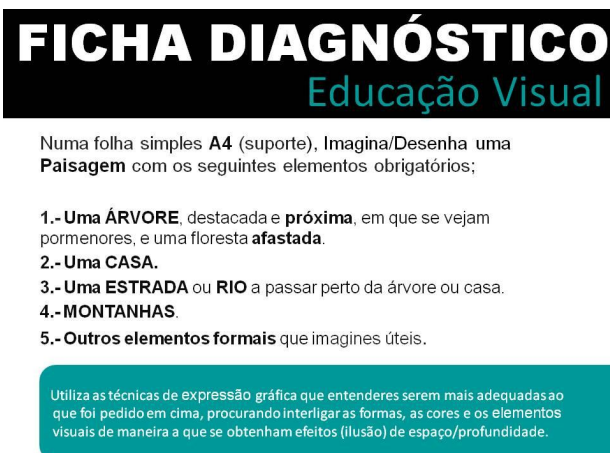
---

<sup>16</sup> Informação retirada do Projeto Curricular de Turma (PCT)

(ver Anexo 9) adotados pela escola. Tendo em conta todos esses critérios de avaliação, cada professor estagiário procedeu à seleção dos critérios adequados para a avaliação do trabalho realizado pelos alunos nas suas aulas.

A avaliação dos alunos ocorreu de forma contínua e paralelamente à execução dos trabalhos e tarefas desenvolvidos. Através da observação direta do trabalho dos alunos em aula, das suas intervenções, interesse nas atividades e comportamento em sala de aula, foi possível reunir todas as informações necessárias quanto ao seu desempenho. Contudo, a professora estagiária recorreu a outras formas de recolha de informação, a saber: Avaliação diagnóstica, auto-avaliação e avaliação formativa.

A Avaliação Diagnóstica, efetuou-se no início do ano letivo, através de um exercício (ver Apêndice 3) proposto pelo professor cooperante. Este tipo de avaliação permite ao professor, determinar o grau de preparação dos alunos antes de iniciar as unidades de trabalho, identificando possíveis dificuldades, assim como fazer uma previsão dos alunos com maior potencial. Comparando os resultados da avaliação diagnóstica, com a prestação dos alunos nas atividades que vieram a desenvolver, verificou-se de facto uma semelhança nos resultados obtidos em ambos os momentos.



**FICHA DIAGNÓSTICO**  
Educação Visual

Numa folha simples **A4** (suporte), Imagina/Desenha uma **Paisagem** com os seguintes elementos obrigatórios;

- 1.- Uma **ÁRVORE**, destacada e **próxima**, em que se vejam pormenores, e uma floresta **afastada**.
- 2.- Uma **CASA**.
- 3.- Uma **ESTRADA** ou **RIO** a passar perto da árvore ou casa.
- 4.- **MONTANHAS**.
- 5.- **Outros elementos formais** que imagines úteis.

Utiliza as técnicas de expressão gráfica que entenderes serem mais adequadas ao que foi pedido em cima, procurando interligar as formas, as cores e os elementos visuais de maneira a que se obtenham efeitos (ilusão) de espaço/profundidade.

Figura 5- Ficha Diagnóstica

A Auto-avaliação realizada no final de cada período, permitiu a cada aluno refletir sobre o seu desempenho e avaliar-se, de acordo com aquilo que consideravam ter sido a sua prestação até ao momento. De uma maneira geral, os alunos tinham uma noção realista do seu desempenho. Contudo, verificou-se ainda um número considerável de alunos com dificuldade em se auto-avaliar, ou porque não estavam conscientes da sua verdadeira prestação ou porque não compreendiam os parâmetros a avaliar. O processo de auto-avaliação foi realizado de duas formas: oralmente (de forma individualizada e diante de toda a turma) e através do preenchimento de uma ficha.

FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DE EDUCAÇÃO VISUAL														
Esta ficha pretende ajudar-te a reflectir sobre a tua avaliação em certos comportamentos, atitudes e arendizagens ao longo do período. Deste modo, para fazeres a tua auto-avaliação precisas, antes de mais, reflectir sobre o teu desempenho nas aulas, nos trabalhos, no grupo e individualmente.														
NOME:			ANO:			TURMA:			Nº:					
<b>NOTA: Assinala com um X o quadrado que melhor corresponde à tua situação.</b>														
<b>1º PERÍODO</b>														
COMPORTAMENTOS   ATITUDES										Sempre	Quase sempre	De vez em quando	Raramente	Nunca
1	Sou assíduo													
2	Sou pontual													
3	Entro na sala ordeiramente													

Figura 6- Exemplo da Ficha de Auto-avaliação (Disponível no Apêndice 3)

A avaliação formativa que se realizou ao longo de todo o processo didático, através da observação direta dos alunos e registos em grelhas de observação de aula (ver Apêndice 4). No final de cada trabalho elaborado, todos os dados recolhidos foram transferidos e trabalhados no programa informático Excel, que permitiu analisar a informação mais fácil, rápida e eficazmente. Depois de avaliados todos os trabalhos elaborados, era atribuída a média ponderada que permitia calcular a nota final de cada aluno (ver Apêndice 3).

### ESCOLA SECUNDÁRIA QUINTA DAS PALMEIRAS | COVILHÃ 2011\_12

#### RECOLHA DE INFORMAÇÃO INTERCALAR DE AVALIAÇÃO | 1º PERÍODO

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO VISUAL | TURMA: 7º D

Nº	NOME	EMPENHO				COMPORT.			AUTONOMIA				PROGRESSÃO				OUTROS ELEMENTOS DE AVALIAÇÃO
		BOM	RAZOÁVEL	FRACO	NULLA	BOM	RAZOÁVEL	MAU	BOM	RAZOÁVEL	FRACO	NULLA	MUITO BOM	BOM	REGULAR	NULLA	
1	ADOLFO			X			X			X				X			
2	A.CAROLINA		X				X		X					X			FALADOR
3	A.CLÁUDIA	X					X		X			X					FALADOR

Figura 7- Exemplo da Grelha de Avaliação Intercalar (disponível no Apêndice 3)

No final de cada período foi entregue ao Diretor de Turma uma síntese reflexiva sobre o ponto de situação de cada um dos alunos.

O ato de avaliar não abrange apenas os alunos, mas todo o processo de ensino aprendizagem. Durante a prática letiva, a professora estagiária observou de que forma todo o processo se desenvolve, procedendo a uma constante avaliação do seu desempenho, de forma a identificar os aspetos positivos e negativos que lhe permitiram fazer ajustamentos nas planificações, atividades e estratégias.

A avaliação é pela sua própria natureza, de extraordinária complexidade. No que respeita ao ensino artístico, é difícil não ceder a classificações individualistas. O professor de artes Visuais, depara-se muitas vezes com uma sobrevalorização da “vocação” do aluno (que desempenha a atividade artística com facilidade e até desdém) e com a desvalorização do “esforço” de outro aluno (que desempenha a atividade artística com dificuldade, mas com empenho e dedicação, caracterizadores de esforço e trabalho). Mas o mais importante na avaliação é que esta seja capaz de dar resposta aos interesses e dificuldades de cada aluno.

### 2.4.3. Aulas Realizadas

Quadro 4- Planificação a curto prazo

UNIDADE DIDÁCTICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	PROPOSTA DE TRABALHO	MATERIAIS
APRESENTAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aproximar o relacionamento professor/aluno</li> <li>• Estimular o cumprimento de normas democraticamente estabelecidas para trabalhar individualmente e em grupo</li> <li>• Partilhar espaços de trabalho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivos da disciplina</li> <li>• Regras na sala de aula</li> <li>• Critérios de avaliação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação de um PowerPoint sobre os objetivos e critérios de avaliação da disciplina</li> <li>• Diálogo com os alunos sobre a disciplina</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caderno diário</li> <li>• Esferográfica</li> </ul>
AValiação DIAGNÓSTICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender e compreender</li> <li>• Saber, integrar e articular</li> <li>• Comunicar expressivamente</li> </ul>	<b>FASE DIAGNÓSTICA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de avaliação diagnóstica</li> <li>• Representação do espaço</li> <li>• Sobreposição, dimensão, claro-escuro e gradação da nitidez</li> <li>• Perceção e representação visual das formas</li> <li>• Qualidades formais, Qualidades Expressivas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Numa folha A4 (suporte) Imagina/Desenha uma Paisagem com os seguintes elementos obrigatórios:               <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Uma árvore, destacada e próxima, em que se vejam pormenores e uma floresta afastada</li> <li>2 Uma casa</li> <li>3 Uma estrada ou rio perto da árvore ou casa</li> <li>4 Montanhas</li> <li>5 Outros elementos formais que consideres úteis</li> </ol> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel A4</li> <li>• Lápis de grafite</li> <li>• Lápis de cor</li> <li>• Esferográfica</li> </ul>
CAPA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relacionar as partes com o todo entre si (proporções)</li> </ul>	<b>GEOMETRIA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Operações constantes na resolução de diferentes problemas (traçados de paralelas e perpendiculares)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenhar geometricamente numa folha de cartolina as medidas para a construção da capa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2 Cartolinas A2</li> <li>• Lápis de Grafite</li> <li>• Tesoura</li> <li>• Cola</li> <li>• Régua</li> <li>• Esquadro</li> <li>• Elástico</li> </ul>

29 Set -13 Out

Elaboração da Capa

A primeira aula da prática de ensino supervisionada decorreu no dia 22 de Setembro de 2011 e pode dividir-se em três momentos distintos:

1 **Apresentação Professor/Aluno e Aluno/Professor:** O professor titular apresentou-nos à turma como professores da disciplina. De seguida fez uma breve apresentação sua e seguidamente deu a palavra à professora estagiária. Os alunos apresentaram-se

individualmente diante de toda a turma, referindo aspetos como o nome, a Escola que tinham frequentado anteriormente, a localidade e outros que considerassem relevantes. Os alunos respeitaram o ambiente de sala de aula, mantendo-se sempre em silêncio e atentos a tudo o que era dito.

**2 Apresentação da disciplina:** Foi apresentado um PowerPoint com os critérios de avaliação e os objetivos da disciplina, bem como regras a cumprir na sala de aula. Seguidamente os alunos tiveram oportunidade de colocar questões sobre a disciplina.



#### Desenvolver:

- A percepção;
- A sensibilidade estética;
- A criatividade;
- A capacidade de expressão;
- A capacidade de utilizar meios de expressão visual;
- O sentido crítico;
- A capacidade de comunicação.

### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Domínio das Aptidões e Capacidades 60%	Domínio das Atitudes e Valores 40%
Domínio das técnicas/ materiais	Assiduidade
Comunicação visual de ideias/ expressão	Pontualidade
Representação das formas	Comportamento
Aplicação e alargamento de conhecimentos	Relacionamento Interpessoal
Rigor na execução de projectos	Motivação / Interesse
Evolução da capacidade de representar	Organização
	Material
	Autonomia
	Colaboração nos trabalhos de grupo

Figura 8- Exemplo do Powerpoint apresentado

3 **Avaliação Diagnóstica:** Os alunos realizaram um teste diagnóstico, apresentado em PowerPoint.

## FICHA DIAGNÓSTICO

### Educação Visual

Numa folha simples **A4** (suporte), Imagina/Desenha uma **Paisagem** com os seguintes elementos obrigatórios;

- 1.- Uma **ÁRVORE**, destacada e **próxima**, em que se vejam pormenores, e uma floresta **afastada**.
- 2.- Uma **CASA**.
- 3.- Uma **ESTRADA** ou **RIO** a passar perto da árvore ou casa.
- 4.- **MONTANHAS**.
- 5.- **Outros elementos formais** que imagines úteis.

Utiliza as técnicas de expressão gráfica que entenderes serem mais adequadas ao que foi pedido em cima, procurando interligar as formas, as cores e os elementos visuais de maneira a que se obtenham efeitos (ilusão) de espaço/profundidade.

Figura 9- Exemplo da Ficha Diagnóstico

29 Set -13 Out

Elaboração da Capa

Na segunda aula, os alunos iniciaram a planificação de uma capa para arquivar os trabalhos realizados na disciplina. A partir da planificação elaboraram a capa, com recurso a diversos materiais (cartolina, tesoura, lápis de grafite, cola, elásticos) e técnicas (meio corte, colagem).



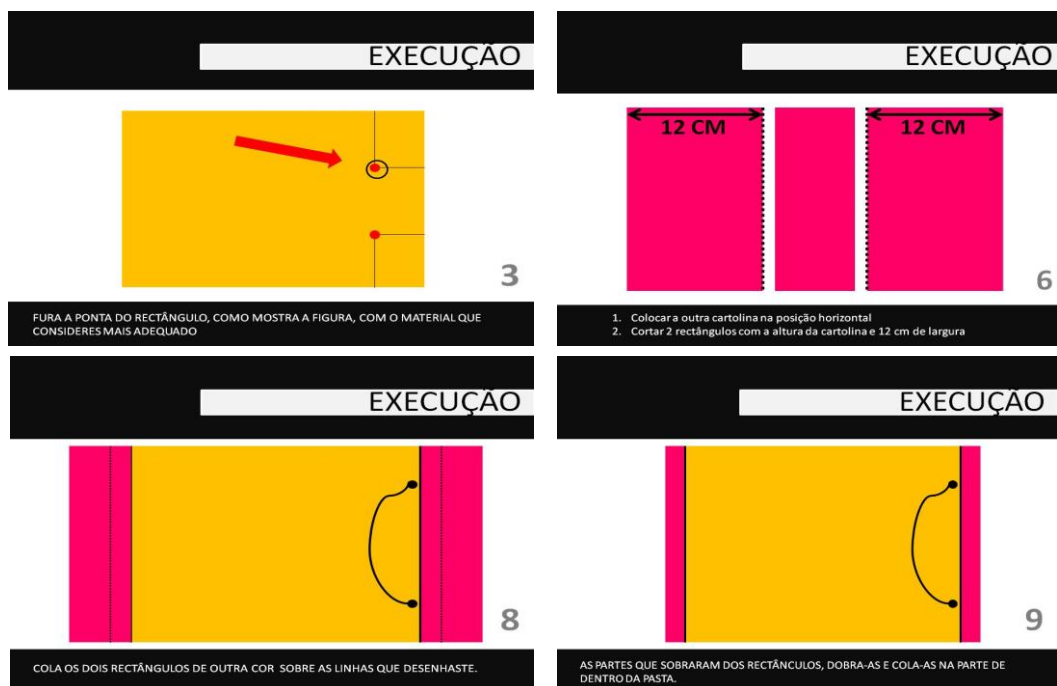


Figura 10- Exemplo do Powerpoint sobre normas para a execução da capa

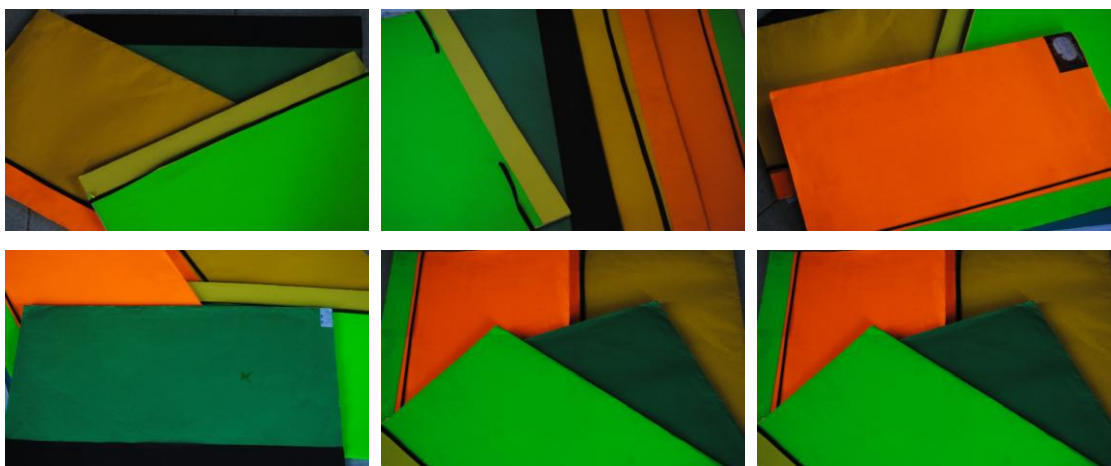


Figura 11- Exemplos das capas executadas pelos alunos

### 2.4.3.1. Unidade de Trabalho 1

Figura 12- Planificação ????

UNIDADE DIDÁCTICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	PROPOSTA DE TRABALHO	MATERIAIS
U1   A Forma	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender a linguagem visual é uma aprendizagem</li> <li>Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática</li> <li>Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas</li> <li>Compreender que a percepção visual das formas envolve a interação da luz, cor, linha, da textura, do volume, etc.</li> <li>Desenvolver a criatividade</li> <li>Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume,</li> </ul>	<p><b>A FORMA</b></p> <p><b>Percepção Visual da Forma</b></p> <p>Qualidades formais: o ponto, a linha, o plano (volume, textura e cor)</p> <p>Qualidades expressivas: a cor e a luminosidade (claro-escuro)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Registrar graficamente formas naturais a partir da observação direta de frutos naturais.</li> <li>Apresentação de um PowerPoint sobre os elementos estruturais da linguagem plástica.</li> <li>Representar as linhas estruturais para o entendimento da forma.</li> <li>Usar vários materiais riscadores para assinalar a interação da luz, das linhas, das texturas, do volume, da sombra, etc.</li> <li>Decalcar com papel vegetal a forma e explorar graficamente vários elementos formais retirados dos registos, tais como: o ponto, a linha, a luz/sombra, mancha/cor e textura</li> <li>Decalcar com papel vegetal a forma e representar a sua estrutura, através da representação do seu contorno (linhas externas) e linhas internas, mancha/textura, utilizando lápis de grafite, esferográfica, marcadores, lápis de cor e recorrendo à colagem</li> <li>Decalcar com papel vegetal a forma e elaborar uma composição visual, transformando a forma original do fruto/legume</li> </ul>	<p>Papel A3</p> <p>Papel Vegetal</p> <p>Frutos/Legumes</p> <p>Lápis de cor Lápis de grafite Lápis de cera Marcadores Guache/pincéis Esferográfica Revistas Cartolinas</p> <p>Outros materiais</p> <p>Cola</p> <p>Tesoura</p> <p>Régua</p>

A U1 - A Forma - foi desenvolvida em articulação com - A Textura, no decorrer do 1º Período. Foram explorados vários elementos visuais como o ponto, a linha, o plano, a mancha, a textura e o volume. A junção das duas UT numa só possibilitou o uso de várias técnicas e materiais, sendo o experimentalismo o cerne desta unidade. Possibilitou ao aluno familiarizar-se com diversos materiais e técnicas, num processo autónomo, aleatório e criativo. Sendo o desenho a base da disciplina, foi fundamental transmitir ao aluno, noções básicas sobre algumas técnicas e sobre o manuseamento dos materiais.

Esta UT foi de todas, a mais longa e teve como principais objetivos:

- Trabalhar em grupo
- Partilhar ideias e pontos de vista
- Ativar o desenvolvimento dos mecanismos percetivos desenvolvendo as habilidades percetivas nos domínios da visão, da forma e do fundo
- Compreender que a perceção visual das formas envolve a interação da luz-cor, linhas, textura, volume e superfície
- Conceber projetos e organizar com funcionalidade e equilíbrio espaços bidimensionais
- Incentivar formas personalizadas de expressão e comunicação

Etapas de Trabalho:

# 1-2

**Desenho de observação do fruto** - Numa primeira fase os alunos devem observar o respetivo fruto (colocado em cima da mesa de trabalho do aluno) e fazer um estudo dos elementos visuais. Seguidamente executar vários desenhos de observação do fruto, numa folha A3, utilizando lápis de grafite.



UNIDADE 01  
ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA LINGUAGEM PLÁSTICA  
FORMA | LINHA (CONTORNO) | PLANO (MANCHA)

► NA COMUNICAÇÃO VISUAL TODA A FORMA TEM CONTORNO (LIMITE EXTERIOR DA FORMA) E SUPERFÍCIE E É CRIADA SOBRE ALGUM TIPO DE SUPORTE

► O SUPORTE É QUALQUER MEIO MATERIAL ONDE SE REALIZA A FORMA, PODENDO SER DESDE UMA FOLHA DE PAPEL, A UMA TELA DO COMPUTADOR OU UMA PEDRA.

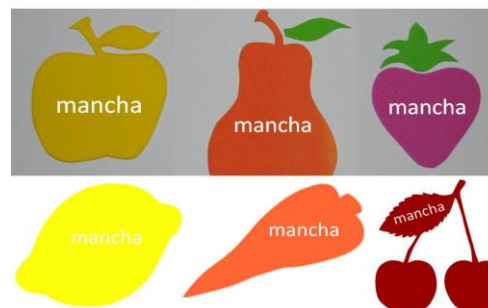
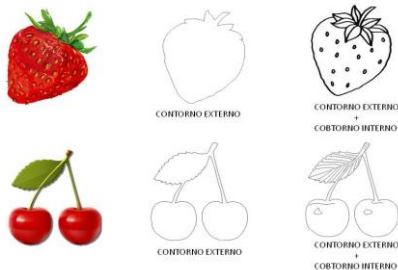


Figura 13- Exemplo do Powerpoint sobre os Elementos Estruturais da Linguagem Plástica

Nesta segunda etapa de trabalho os alunos é proposto aos alunos explorar graficamente, através de desenho expressivo, vários elementos formais, a partir dos registos, nomeadamente a linha (contorno interior e exterior), a mancha e textura, utilizando várias técnicas e materiais, tendo como suporte, uma folha de papel A3.



Figura 14- Exemplo de alguns trabalhos realizados pelos alunos na UT1

# 3

Criar uma **composição visual** - partindo dos registos iniciais do objeto, devem explorar graficamente, através do desenho expressivo, vários elementos formais, nomeadamente a linha (contorno + linhas internas); mancha (plano) e textura, utilizando várias técnicas e materiais. **Cor:** diversas | **suporte:** folha de papel a3.

Explorar graficamente, através de desenho e do corte, elementos formais, nomeadamente a mancha/plano, tendo como suportes folhas de papel de lustro e papel cavalinho a3 e utilizando diversos materiais riscadores

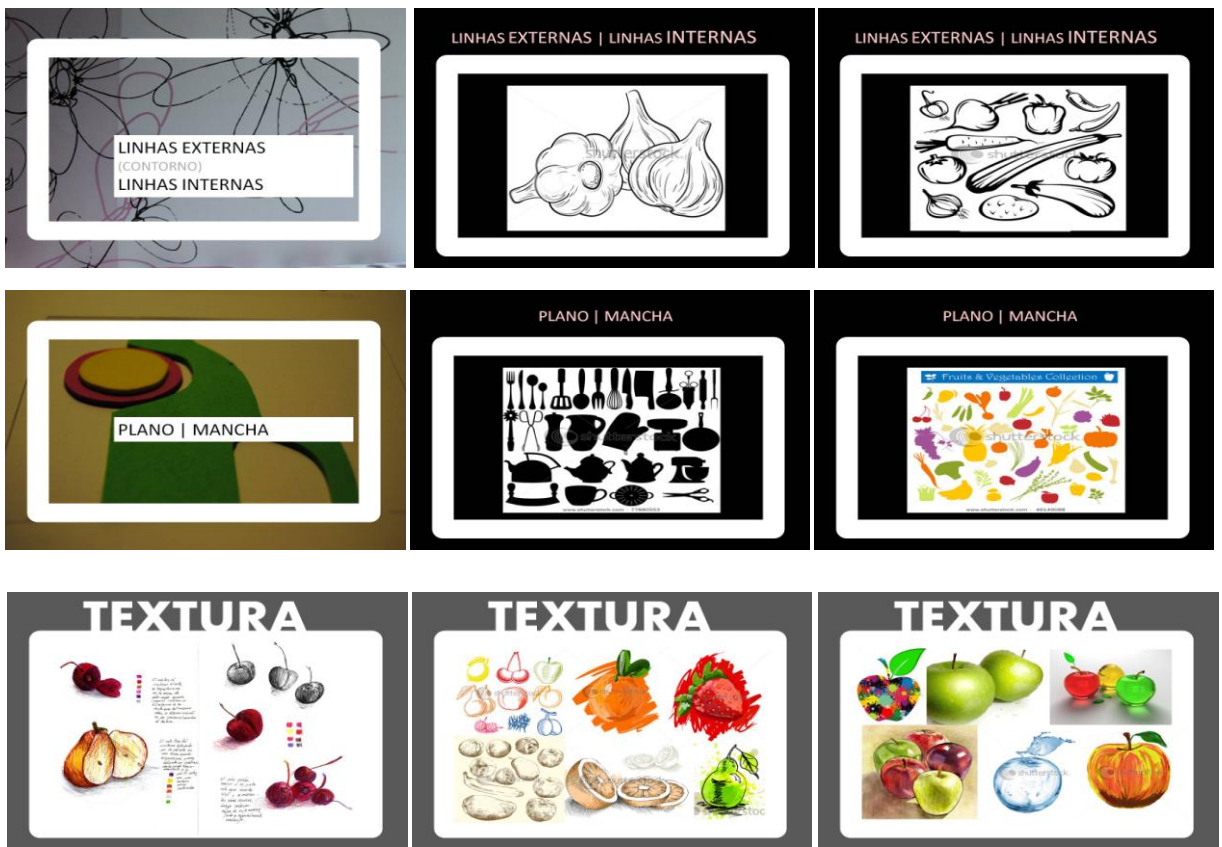


Figura 15- Exemplo do Powerpoint apresentado sobre os Elementos Estruturais da Linguagem Plástica

De forma a ajudar os alunos a perceber melhor o objetivo do exercício, a professora estagiária elaborou alguns desenhos, para mostrar aos alunos antes do início da tarefa.

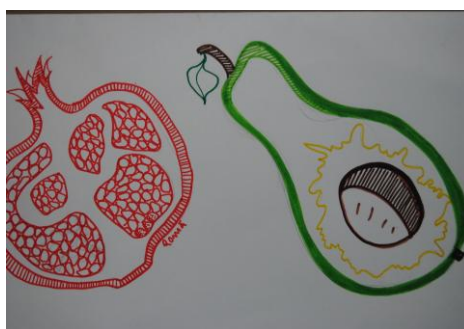


Figura 16- Exemplos elaborados pela Professora Estagiária

Numa folha de papel A3 o aluno deve desenhar uma esquadria de 4 cm e criar uma composição visual a partir da transformação da forma inicial do objeto, de forma a criar novas formas. Aplicação de diversos materiais e técnicas.

# 4

Numa folha de papel A3 o aluno deve desenhar uma esquadria de 4 cm e criar uma composição visual a partir da transformação da forma inicial do objeto, de forma a criar novas formas. Aplicação de diversos materiais e técnicas.



Figura 16- Exemplo do Powerpoint apresentado sobre Transformação da Forma

Vejamos agora alguns trabalhos realizados pelos alunos:

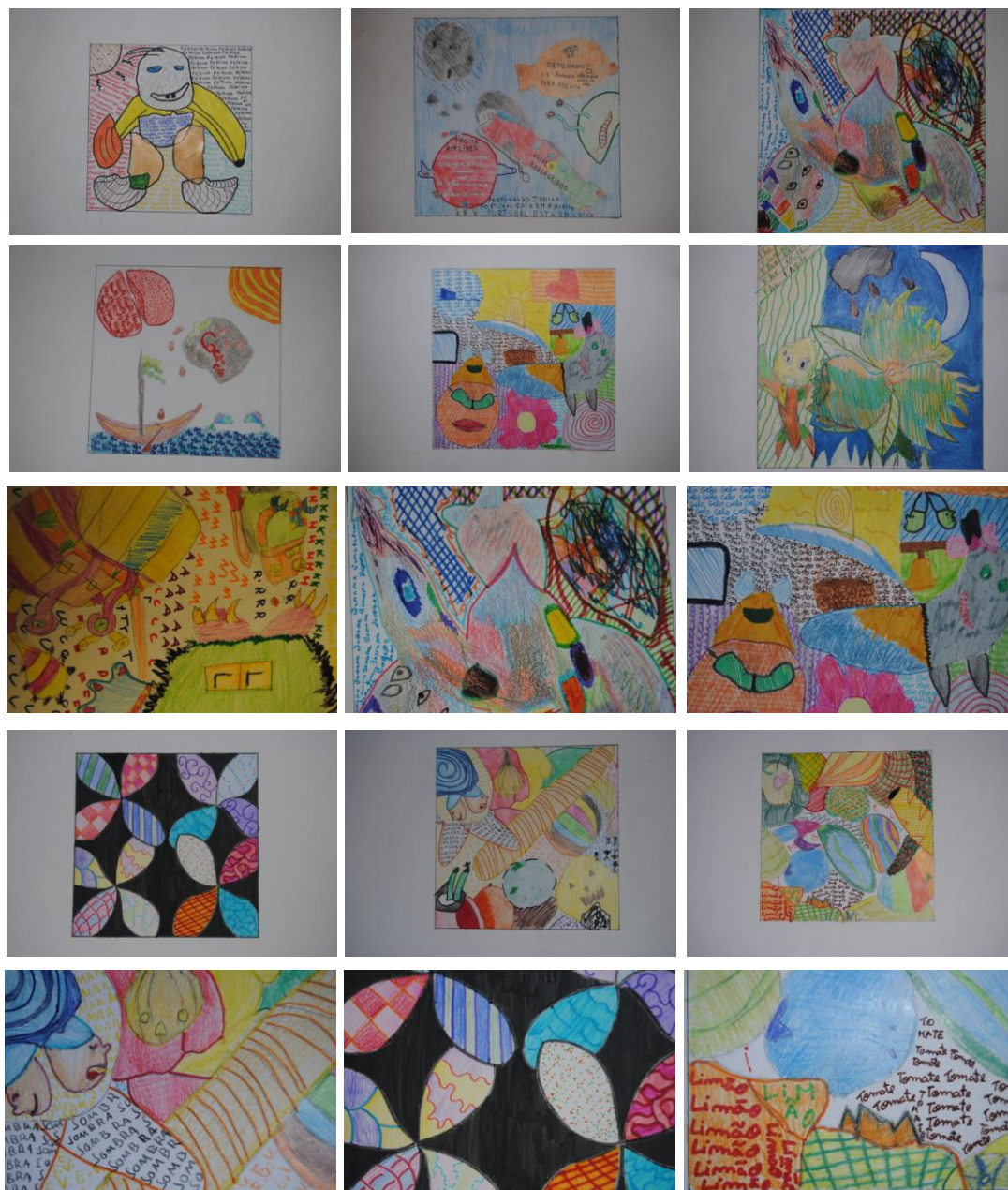


Figura 18- Exemplos de alguns trabalhos realizados pelos alunos

## Critérios de Avaliação

A avaliação da UT assentou nos domínios avaliativos da ESQP: *atitudes e valores; aptidões e capacidades*. Em todas as tarefas valorizou-se maioritariamente o Desenvolvimento (30%/35%), seguindo-se os Materiais e Técnicas (25%), a compreensão (20%/25%) e a qualidade (15%/20%). Na ultima etapa, sobre a Transformação da Forma, além dos parâmetros compreensão, desenvolvimento e qualidade, avaliou-se também a criatividade (30%).

### 2.4.3.2. Unidade de Trabalho 2

Quadro 5- Planificação Unidade de Trabalho 2

UNIDADE DIDÁCTICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	PROPOSTA DE TRABALHO	MATERIAIS
U2   Comunicação Visual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais</li> <li>- Descrever acontecimentos aplicando metodologias do desenho de ilustração, de Banda Desenhada ou do Guionismo visual</li> <li>- Compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos</li> <li>- Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição</li> </ul>	<p><b>A COMUNICAÇÃO VISUAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Exploração plástica bidimensional de materiais e técnicas sobre a Unidade temática</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Construir um Cubo a partir da sua planificação</li> <li>- Ilustrar a obra “<i>A Menina do Mar</i>” de Sofia de Melo Breyner, utilizando como suporte o cubo</li> <li>- Preencher as 6 faces do cubo, aplicando diferentes técnicas (colagem, desenho)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Papel crepe</li> <li>Cartolinas</li> <li>Papel colorido</li> <li>Cola</li> <li>Materiais riscadores</li> <li>Papel Cavalinho A3</li> <li>Régua</li> <li>Tesoura</li> <li>X-ato</li> </ul>

A UT2 intitulada - *Comunicação Visual* - foi desenvolvida no 2º período, durante o mês de Março e dividiu-se em duas etapas de trabalho. Numa primeira fase, foram apresentados aos alunos os conteúdos programáticos da UT, sob a forma de jogo e de seguida foi-lhes proposto um trabalho que deveria ser realizado durante uma aula. Na segunda fase, os alunos desenvolveram uma ilustração do conto *A Menina do Mar*, de Sofia de Melo Breyner Anderson, com recurso à Poesia Visual. Este trabalho pretendia reforçar o carácter transversal da disciplina com a disciplina de Português.



Figura 17- Alguns momentos da ação da PES

Seguem-se os principais objetivos desta Unidade:

- Trabalhar em grupo, tendo em vista um objetivo comum

- Partilhar ideias e pontos de vista
- Compreender a forma como os diferentes elementos artísticos interagem
- Incentivar formas personalizadas de expressão e comunicação
- Reforçar o caráter transversal das disciplinas

## Etapas de Trabalho:

# 1

A turma formou 5 grupos, correspondentes a 5 equipas. Seguidamente foi apresentado um PowerPoint (ver Apêndice 2), com a apresentação dos conteúdos programáticos da UT, sob a forma de jogo. Para se perceber o funcionamento deste, vejamos algumas das etapas:



Todos os grupos devem ler com atenção o texto que se segue durante **3 minutos**.




**COMUNICAÇÃO VISUAL** é transmitir uma mensagem através de imagens. Assim, podemos dizer que estamos perante uma comunicação **não verbal**, que utiliza uma **linguagem gráfica/visual** para comunicar. A esta linguagem gráfica damos o nome de SIGNOS VISUAIS.



Agora devem ler novamente o texto e completar com as palavras que faltam.

Têm apenas **1 Minuto** para pensar na palavra e todos os grupos devem mostrar a sua resposta ao mesmo tempo. Cada resposta acertada vale **1 ponto**.

**BOA SORTE!**

**COMUNICAÇÃO VISUAL** é transmitir uma mensagem através de . Assim, podemos dizer que estamos perante uma comunicação , que utiliza uma **linguagem gráfica**/ para comunicar. A esta linguagem gráfica damos o nome



Lê com atenção o texto que se segue, com as definições dos vários signos visuais.

## INDICIOS

São signos visuais que têm origem em formas ou situações naturais ou casuais .

Exemplo: **Pegadas**

## SINAIS

Transmitem uma informação que é percebida por todos da mesma maneira. Servem para identificar locais ou serviços.

Exemplo: **Sinais de trânsito**



Observa a sequência de imagens que se segue, que representam signos visuais. O objectivo do jogo é identificar o signo visual que cada uma das imagens representa. Existem três hipóteses de resposta, mas apenas uma correcta.

Têm **1 minuto** para pensar em cada uma das respostas e todos os grupos devem responder ao mesmo tempo.

Cada resposta correcta vale **1 Ponto!**

**BOA SORTE!**



Figura 18- Exemplo do Jogo realizado para apresentação dos conteúdos da UT2

Depois de atribuídas as respetivas classificações aos grupos, os alunos deram início ao trabalho proposto. A professora estagiária entregou a cada grupo uma imagem com um signo visual, diferente em todos os grupos e escolhido pelos próprios alunos. Cada um dos elementos do grupo, deveria, de forma individual, desenhar o respetivo signo, inserindo-o num contexto real, à sua escolha. O suporte para o desenho era uma folha A4, com uma esquadria. Aos alunos era pedido que pintassem o signo visual com cores diferentes da sua cor original e o restante desenho pintado apenas com a cor preta. O objetivo do trabalho era associar os conteúdos programáticos com o quotidiano dos alunos, obrigando-os a refletir sobre a importância dos signos no dia-a-dia e sobre o significado da sua cor.

## 2

Mantendo os mesmos grupos do trabalho anterior, foi distribuído por cada um, uma parte da obra “A Menina do Mar” de Sofia de Mello Breyner Anderson. Cada aluno recebeu a planificação de um cubo, para recortar e construir. O objetivo era preencher as 6 faces do cubo, ilustrando o texto do respetivo grupo, com recurso à poesia visual. Além de materiais riscadores (canetas de feltro, lápis cor, etc) os alunos tinham à sua disposição papéis de diferentes texturas, para completar a ilustração com colagens.

### Poesia Visual

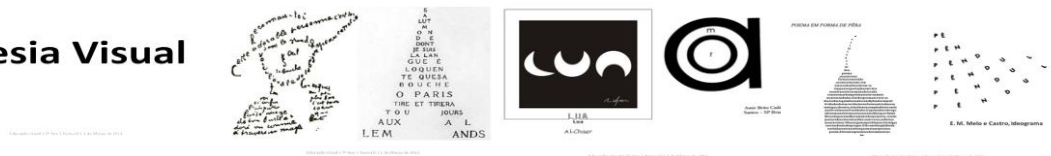


Figura 21- Exemplo do Powerpoint sobre Poesia Visual

Os trabalhos finais seriam expostos na Exposição da “Semana Ariris” (Serra Shopping), no âmbito das comemorações dos 25 anos da Escola. Tal como o próprio nome indica, a exposição era seria alusiva às cores do arco iris, pelo que, todos os trabalhos expostos deveriam ir de encontro a esta temática.

De forma a enquadrar os trabalhos dos alunos no tema, cada grupo trabalhou apenas com uma cor, para que todos os alunos pudessem ver os seus trabalhos expostos, sem exceções. No final, os cubos foram agrupados por cor e suspensos com fio de pesca num suporte transparente. Além desta exposição, os trabalhos foram expostos, posteriormente, na Exposição na Casa dos Magistrados (Covilhã), ainda no âmbito das comemorações do 25º aniversário da escola.



Figura 19- Trabalhos realizados pelos alunos



Figura 23- Trabalhos realizados pelos alunos

## Critérios de Avaliação

A avaliação da UT assentou nos domínios avaliativos da ESQP: *atitudes e valores; aptidões e capacidades*. Em todas as tarefas valorizou-se maioritariamente o Desenvolvimento (30%/35%), seguindo-se os Materiais e Técnicas (25%), a compreensão (20%/25%) e a qualidade (15%/20%). Na ultima etapa, sobre a Transformação da Forma, além dos parâmetros compreensão, desenvolvimento e qualidade, avaliou-se também a criatividade (30%).

## 2.5. Atividades Curriculares e Extra Curriculares

A prática de ensino supervisionada é mais do que a componente letiva. O professor deve integrar-se em todas as atividades da escola, criando, desta maneira, o espírito corporativo e empreendedor de que o sistema de ensino atual necessita.

Desta forma, as atividades no estágio pedagógico dividiram-se em dois grupos distintos:

1º. O primeiro grupo compreende as denominadas atividades curriculares, que consistem na planificação e prática letiva, na observação das aulas lecionadas pelos colegas

de estágio e pelo professor cooperante e, por fim, na comparência às várias reuniões que decorreram durante o ano letivo.

2º. O segundo grupo engloba as atividades extra-curriculares desenvolvidas na escola, quer por iniciativa própria, quer a convite de outras entidades da escola. Algumas destas atividades surgiram do âmbito do Plano Anual de Atividades do Grupo Disciplinar, no qual os estagiários também tiveram oportunidade de dar o seu contributo.

## **2.5.1. Atividades Curriculares**

### **2.5.1.1. Articulação e Colaboração na Comunidade Escolar**

No decorrer da PES foram surgindo algumas hipóteses de participação/observação, de algumas reuniões, da estrutura educativa da escola. Esta oportunidade foi logo expressa pelo Orientador Cooperante desde o primeiro contacto, o qual sempre se disponibilizou para explicar como se processa a organização da escola, ao nível da docência. Desta forma, sempre que viável, foi possível observar/participar em reuniões de Departamento de expressões, de Grupo Disciplinar, em Reuniões de vária índole e em Conselhos de Turma.

Todos estes momentos de aproximação com o corpo docente da escola e com a sua dinâmica de trabalho foram fulcrais para a integração da professora estagiária no ambiente escolar, assim como para uma compreensão mais clara da dinâmica da escola como instituição. Além disso, permitiu também um acompanhamento mais próximo da situação de cada aluno.

A autora do relatório participou em quatro tipos de reuniões:

1 Nas reuniões do Núcleo de Estágio de Artes Visuais, onde participavam os estagiários e o Professor Cooperante. Aqui debatiam-se assuntos sobre o estágio pedagógico, nomeadamente:

- Delineamento de diretrizes;
- Prestação dos estagiários;
- Esclarecimento de dúvidas.

2 Nas reuniões do Departamento de Artes Visuais, presenciadas por todos os professores de Artes da Escola, quer do terceiro ciclo, quer do secundário, debateram-se:

- Problemas do departamento;
- Planeamento de atividades (PAA)

3 Nas reuniões do Grupo de Expressões, onde se reuniram os vários Departamentos do Grupo.

4 Nas reuniões de direção de turma do 7ºD, essenciais para a recolha de informações sobre os alunos, assim como o debate das avaliações.

### 2.5.1.2. Observação de Aulas

A observação de aulas no decorrer de um estágio de iniciação à prática profissional, tem como principais objetivos: proporcionar o contacto com práticas de ensino particularmente interessantes de colegas mais experientes, ou de permitir a observação, reflexão e o desenvolvimento das competências profissionais dos estagiários, com o apoio do professor cooperante.

Ao longo do estágio pedagógico, a autora do relatório, para além das aulas lecionadas, observou aulas das professoras estagiárias Ana Quadrado, Márcia Pereira e Ana Jesus e do professor estagiário Francesco Pignatelli.



Figura 24- Alguns momentos da ação da PES dos colegas de Núcleo de Estágio

A observação de aulas possibilitou o contacto com uma diversidade de abordagens, metodologias, atividades e comportamentos específicos.

As aulas dos professores estagiários Ana Quadrado e Francesco Pignatelli, na disciplina de Arte e Design, funcionavam de forma mais dinâmica e caracterizavam-se, acima de tudo, pelo seu caráter prático. O facto de não existir um programa definido pelo ME para esta disciplina, permitia, aos professores uma maior liberdade na seleção das atividades a desenvolver e dos respetivos temas, o que se refletia até na utilização de materiais menos usuais.

Nas aulas observadas na disciplina de Educação Visual, verificou-se uma semelhança nas metodologias aplicadas e essencialmente nas abordagens. As professoras estagiárias, responsáveis por esta disciplina, desenvolviam as suas aulas de forma paralela, delineando estratégias e atividades conjuntas. Isto só era possível, porque todas as turmas eram do 7º ano. Contudo, o reduzido número de alunos da turma da professora Márcia Pereira, permitia-lhe um acompanhamento mais personalizado do trabalho dos alunos, o que se refletia nos bons resultados obtidos pela turma.

Relativamente à prestação dos professores estagiários, de um modo geral, transmitiram confiança e segurança, sem que se percebesse a inexperiência de alguns. Verificou-se em todos os casos um ambiente calmo e uma ótima relação professor/aluno.

A observação e a discussão das informações recolhidas constituíram-se uma componente extremamente importante para o processo de desenvolvimento, quer pessoal quer profissional da professora estagiária Rita Ribeiro, mas acima de tudo, um catalisador importante de aprendizagem e mudança.

## **2.5.2. Atividades Extra Curriculares**

### **2.5.2.1. Blog “Olhar Palmeiras”**

Visando promover e divulgar os trabalhos realizados nas disciplinas de Artes Visuais e as boas práticas desenvolvidas, os estagiários propuseram ao grupo disciplinar a elaboração de um blog. No seguimento desta proposta foi criado o blog “Olhar Palmeiras”, com o seguinte endereço <http://olharpalmeiras.blogspot.pt/>. Ao longo do ano letivo, os estagiários foram colocando informações relativas às atividades desenvolvidas, assim como informações uteis para todos os que acessem ao blog e que gostassem de conhecer ou saber sobre as Artes Visuais.



Figura 25- Página do Blog Olhar Palmeiras

### 2.5.2.2. Exposição “A Forma”

A Exposição “A Forma”, decorreu durante o 1º Período, entre os dias 16 e 21 de Janeiro, de 2012, na Escola Secundária Quinta das Palmeiras. Em exposição estiveram os trabalhos realizados no âmbito da Unidade de Trabalho 1, elaborados pelos alunos do 7º ano. Foram responsáveis pela planificação e organização da exposição, as professoras estagiárias Rita Ribeiro, Ana Jesus e Márcia Pereira.



Figura 26- Cartaz relativo à Exposição “A Forma”

Esta exposição visava dinamizar o espaço escolar, pelo que fazia todo o sentido expor os trabalhos dos alunos a toda a comunidade escolar, também por forma a recompensar todo o empenho dos alunos na disciplina.

De uma maneira geral, os alunos ficaram bastante satisfeitos por verem os seus trabalhos expostos, mas alguns estavam claramente envergonhados, com a ideia de todos os colegas e professores poderem visualizar os trabalhos. Relativamente à turma do 7º D, foram expostos trabalhos de todos os alunos, sem exclusões, de forma a promover a inclusão na comunidade escolar e a motivar os alunos em futuras atividades propostas.

A exposição teve lugar em dois locais distintos da escola:

No Bloco D, numa zona bastante frequentada pelos alunos da escola, durante o período dos intervalos e no horário das refeições. Aqui os trabalhos foram colocados em expositores, como se pode ver na figura.



Figura 27- Exposição no Bloco D

No Bloco A, na entrada principal da escola. Neste caso os trabalhos foram colocados em fio de pesca, com o auxílio de molas e ficaram suspensos ao longo do corredor.

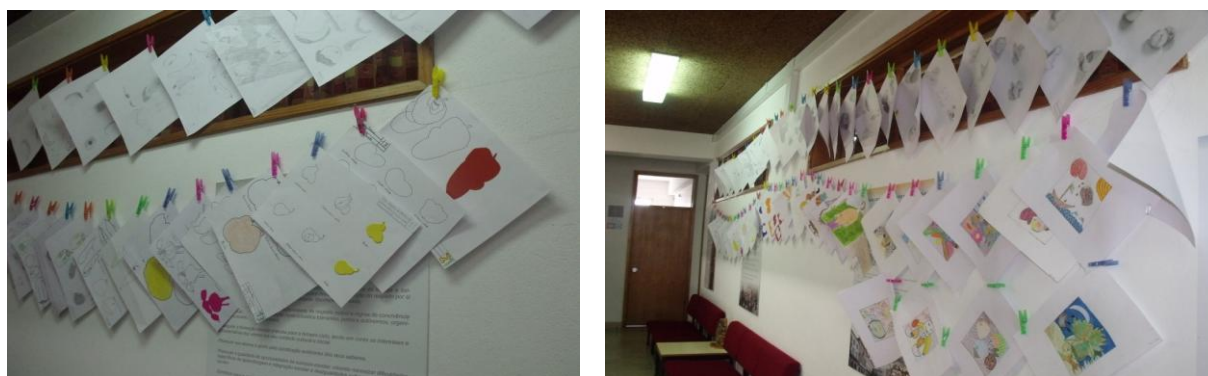


Figura 28- Exposição no Bloco A

### 2.5.2.3. Exposição “Artiris”

Realizou-se entre os dias 16 e 23 de Abril de 2012, a Exposição Semana “Artiris”, no espaço do Serra Shopping, na Covilhã. A exposição surgiu no âmbito das comemorações do 25º aniversário da Escola Secundária Quinta das Palmeiras e incluía trabalhos de vários anos, com temáticas diversificadas.

Além dos docentes do departamento de Expressões, colaboraram na organização e montagem da exposição os professores estagiários.

Relativamente à turma do 7º D, estiveram em exposição trabalhos realizados no âmbito da Unidade de Trabalho “Comunicação Visual”, sob o tema da obra “A Menina do Mar”, de Sofia de Mello Breyner Anderson. Pretendiam fazer a ilustração da obra, com recurso à poesia visual. Os trabalhos ficaram suspensos em fio de pesca, preso nos expositores (com trabalhos de outras turmas).

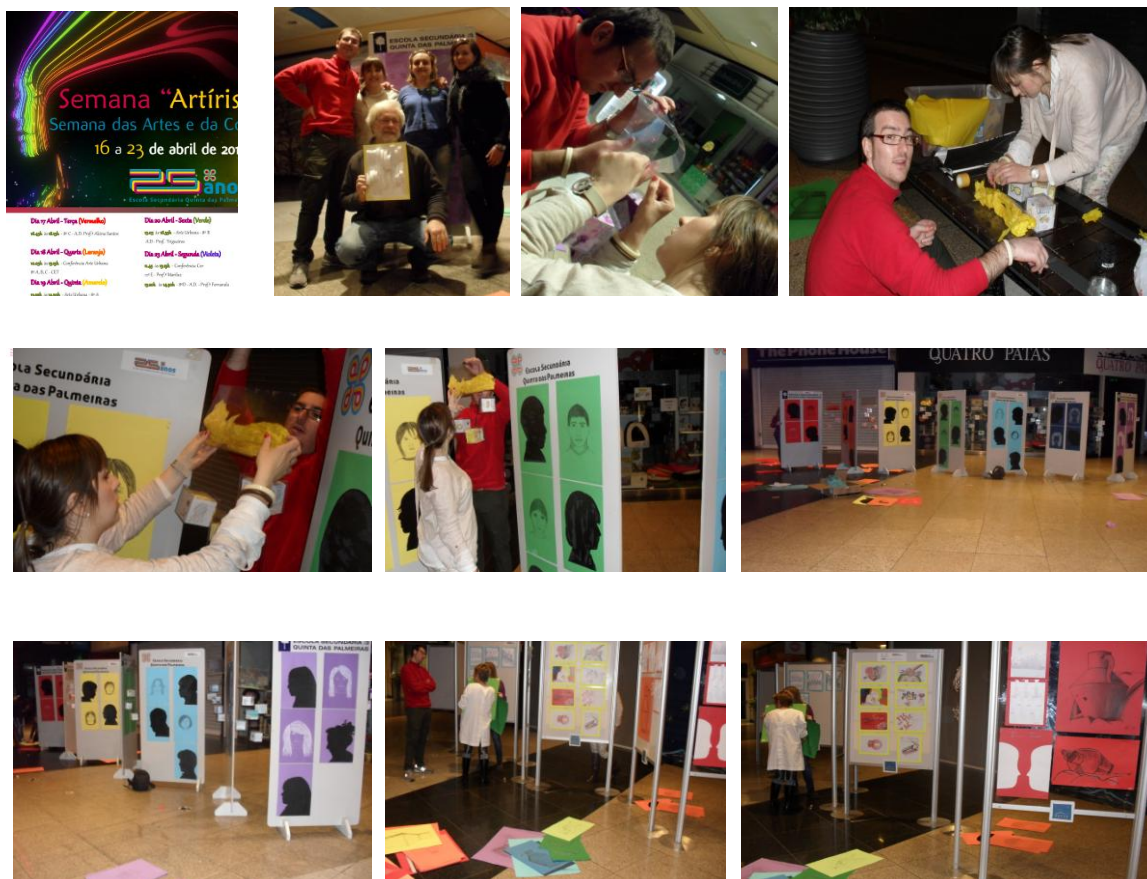


Figura 29- Exposição Artiris

#### 2.5.2.4. Exposição Ecco Design

No âmbito das Comemorações do 25º aniversário da Escola Secundária Quinta das Palmeiras, realizou-se no 3º Período a Exposição “Ecco Design”, que visou promover e divulgar trabalhos elaborados pelos alunos das disciplinas de Educação Visual e Arte e Design, enquanto boas práticas desenvolvidas pela Escola. Além da professora estagiária Ana Quadrado, responsável pela planificação da exposição, colaboraram na organização e dinamização, os professores estagiários Rita Ribeiro e Francesco Pignatelli.

A exposição realizou-se na Casa dos Magistrados, espaço situado no centro da cidade da Covilhã e pertencente à autarquia e contou com os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo 2011/2012, nas disciplinas de Arte e Design e Educação Visual. Como objetivos específicos desta exposição mencionam-se:

- Promover as boas práticas desenvolvidas na ESQP;

- Sensibilizar a comunidade para a importância da arte e do design na construção pessoal e social dos indivíduos;
- Promover o espírito ecológico;
- Fomentar a importância dos sentimentos e afetos na construção individual e interpessoal;
- Combater a iliteracia artística, visual e estética;
- Fomentar a importância das artes visuais na educação.

Da disciplina de Educação Visual foram expostos trabalhos de uma turma do 7ºano, no âmbito da Poesia Visual, sob o tema do livro “A Menina do Mar” de Sofia de Mello Breyner Anderson.

Da disciplina de Arte e Design, do 8º ano, surgiram obras no âmbito das “artes plásticas” e do “Design de equipamento”. Foram expostas esculturas cinéticas designadas vulgarmente por “móvil”, que eram o reflexo da visão dos alunos perante o mundo dos afetos e sentimentos. Quanto à área do “design de equipamento” foram expostos candeeiros realizados com materiais ecológicos, direcionados para o trabalho do Ecco Design. Todos os trabalhos eram alusivos a temas pertinentes e atuais, como a questão da ecologia e por outro lado, a questão dos sentimentos e afetos, camuflada numa sociedade cada vez mais individualista.

A exposição decorreu durante todo o mês de maio de 2012, e contou com a visita de várias turmas da ESQP, dos professores e funcionários, assim como da comunidade da Covilhã. O feedback dos anfitriões do espaço (representantes da autarquia) foi bastante positivo e lisonjeiro.

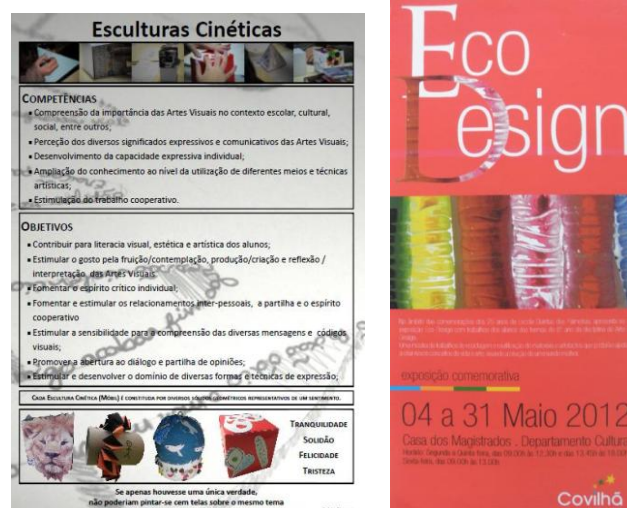


Figura 30- Materiais alusivos à divulgação da Exposição "Eco Design"

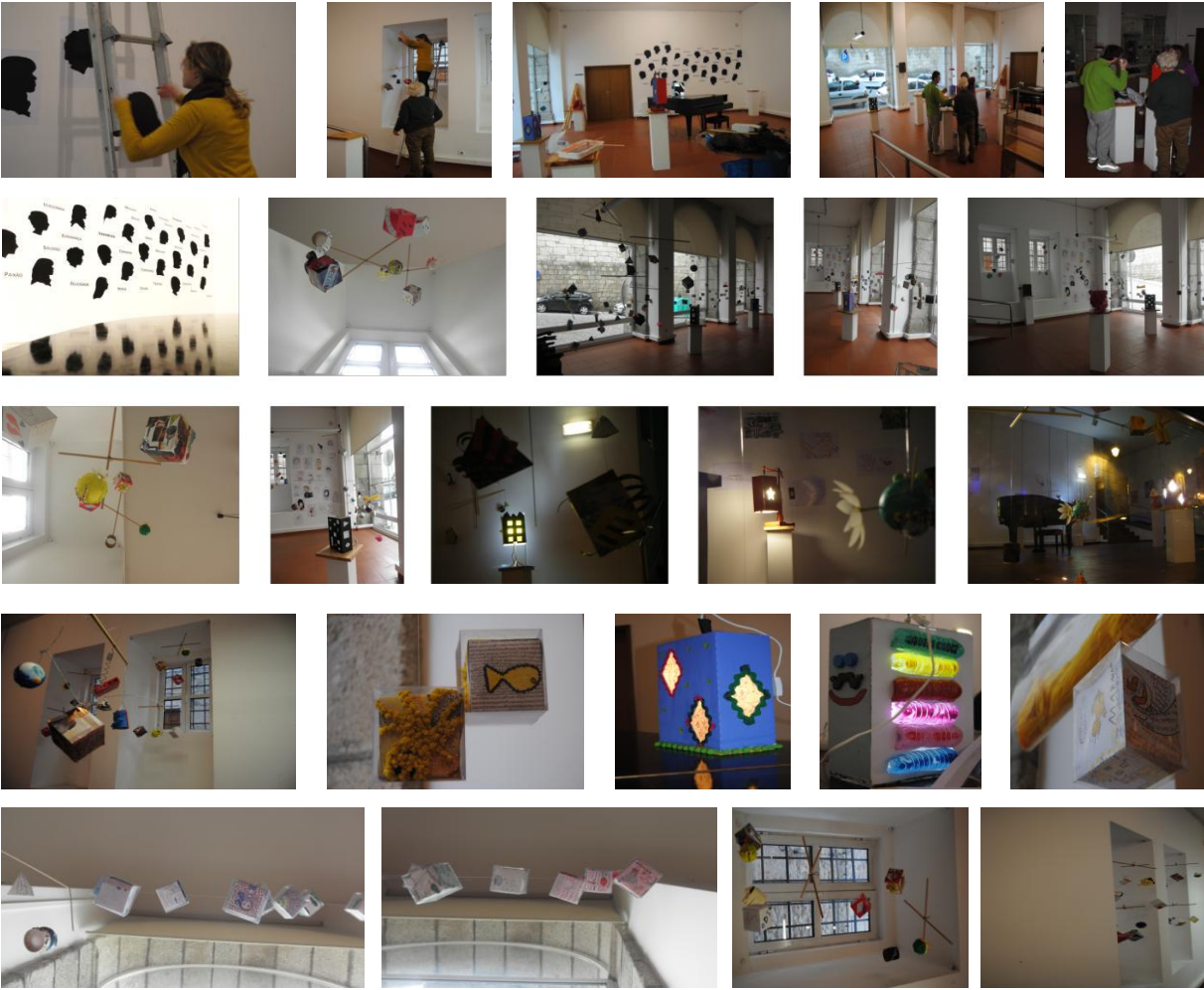


Figura 31- Espaço da Exposição Ecco Design na Casa dos Magistrados

## Considerações Finais

*“Lembro-me de criticar a minha irmã e outros professores, pela postura que adotavam em sala de aula. Dizia eu:” A primeira impressão é fundamental...temos que mostrar uma postura calma e segura e poucos sorrisos...Gritar não é solução!” Dizia eu, que nunca tinha estado numa sala de aula no papel de professora. A verdade é que bastaram duas aulas com a “minha” turma, para perceber que não tinha treinado bem a postura que tantas vezes defendera. Mas afinal, o que falhara?”*

A escola enfrenta atualmente grandes desafios e os professores necessitam de encontrar outras maneiras de abordar os conteúdos de forma a ir ao encontro dos interesses dos alunos. O processo de mudança impõem-se a nível metodológico. Nesse âmbito, as novas tecnologias possibilitam mais opções a nível da comunicação com os alunos, tornando-se um aliado do professor na sua tarefa de ensinar conteúdos. Com a realização deste estágio foi possível compreender que o professor não é apenas aquele que transmite conteúdos na sala de aula, mas sim aquele que pretende *“estimular a curiosidade e a vontade de saber mais e promover o encontro com outras experiências/pessoas/culturas de modo a podermos recriar o nosso vocabulário de formas sempre cada vez mais proveitosas.”* (Antunes, *cit.in* Tomás 2010)

Partindo da vontade de mudança de práticas pedagógicas e da consideração que a arte é uma importante atividade cognitiva humana, procurou-se compreender de que forma se pode articular o lúdico e o ensino das Artes Visuais, no ensino básico.

As dificuldades que foram encontradas inicialmente prenderam-se com a própria turma, que rapidamente *“saiu dos eixos”*. Contudo, criou-se facilmente uma relação de empatia e os alunos expressaram vontade de trabalhar, pois entenderam que os docentes são uma fonte conhecimento/experiência, importantes para o seu desenvolvimento/crescimento. É fundamental que os alunos entendam que estes não são *“superiores”* e que estão disponíveis para os ajudar no seu percurso académico e profissional. Logo na primeira aula foi fulcral referir que a avaliação da disciplina é feita com base no processo de desenvolvimento e aprendizagem e não pelas *“capacidades artísticas”* que eventualmente alguns deles já tenham. Também foi importante esclarecer que não haveria desenhos bonitos ou desenhos feios, mas sim desenhos diferentes, com as características de cada um. Neste sentido procurou-se sempre criar uma relação de respeito e à vontade entre os alunos.

Sabendo que a turma era bastante faladora e com elementos desestabilizadores, foram postas em prática algumas estratégias inibidoras de situações conflituosas e prejudiciais ao bom funcionamento da aula, entre as quais, a distribuição aleatória e em tom de brincadeira da posição dos alunos; atividades de trabalho em grupo, que permitiram uma participação ativa dos alunos e fomentaram o respeito pelas opiniões dos outros e inclusivamente a troca de

trabalhos entre alunos. Esta revelou-se uma excelente estratégia como fator de motivação no desenvolvimento das atividades.

Ao longo da PES houve uma constante preocupação em promover atividades criativas e inovadoras, de forma proporcionar um crescimento e desenvolvimento holístico, quer para os alunos, quer para a própria estagiária. Apesar dos constrangimentos que foram surgindo, tornou-se gratificante observar o êxito dos alunos nas tarefas propostas. Outro ponto a destacar foi o fato de que o comportamento da turma (considerado pelo conselho de turma como bastante complicado ao nível de relacionamento e comportamento) demonstrou não ser impeditivo para a concretização de tarefas, à partida pouco exequíveis com este tipo de grupo/turma. Tarefas como o trabalho em grupo, o recurso ao jogo, demonstraram ser um ótimo fator para o sucesso da aprendizagem.

Nesta perspetiva verificamos que o professor deve oferecer formas didáticas diferenciadas, como atividades lúdicas para que as crianças e jovens sintam o desejo de pensar, criar e aprender. Este tipo de atividade é reconhecido pelo seu benefício no processo de ensino - aprendizagem, mas nem sempre é fácil correlacionar o lúdico com os conteúdos curriculares.” *Para Decroly, certos processos de aquisição de conhecimento são facilitados quando tomam a forma de jogos. A autora atribui ao jogo, usado sob a forma de método pedagógico, grande importância na aprendizagem de conteúdos.*” (Aguiar, 2003).

Já Santos (1998), destaca que:

“As atividades lúdicas podem contribuir significativamente para o processo de construção do conhecimento da criança. Vários estudos a esse respeito vêm provar que o jogo é uma fonte de prazer e descoberta para a criança. Nesta perspetiva o jogo tem muito a contribuir com as atividades didático pedagógicas durante o desenvolvimento de qualquer aula.” (Santos, 1998, cit. in Aguiar, 2003)

No ensino das Artes Visuais, o jogo possibilita aos alunos aprenderem a fazer leituras de imagens e outras atividades de forma diferenciada. Neste caso, na PES, procurou-se que a vertente lúdica estivesse presente ao longo das aulas, nomeadamente na apresentação de conteúdos ou no processo de desenvolvimento dos trabalhos propostos. De todas as tarefas realizadas, a que se constituiu como mais desafiadora e complexa, foi a realização de um jogo, para iniciação a uma unidade de trabalho (Comunicação Visual), que funcionou como uma atividade de aquisição e fixação de novos conteúdos. Apesar de haver algum receio, por se tratar de uma turma com muitos alunos, o resultado foi muito satisfatório. Os alunos cumpriram as regras estabelecidas, divertiram-se e acima de tudo, aprenderam facilmente os conteúdos.

Obviamente que este tipo de aulas, requer do professor, alguma preparação e uma boa planificação, no sentido de prever pequenas falhas que possam ocorrer e assim definir

atempadamente um “plano B”. Mas na prática, os imprevistos acontecem, sem que estejamos preparados para eles. É com estes imprevistos que o professor evolui como educador e que aprende a gerir as suas atitudes e inseguranças.

Em modo de conclusão, podemos verificar que, tal como em todas as profissões, não há uma fórmula que funcione sempre, nem uma regra que corresponda a um problema. *”O processo de ensino-aprendizagem deve transformar-se em possibilidade de experimentação e neste os alunos devem ser ativos e curiosos, aprendendo no contacto com as coisas e não apenas através de exposições teóricas.”* (Tomás, 2010, p.127) Neste processo o professor tem um papel fulcral, pois só ele pode promover esse campo da experimentação e de novas aprendizagens. É essencial que o futuro professor reflita continuamente acerca do funcionamento do ensino tradicional e o encaminhe *“por uma exploração multiforme das motivações humanas intrínsecas como a necessidade de experimentação, a descoberta e a reconstrução criativa.”* (Mendonça, 2008 cit. in Tomás, 2012).

Em suma, o trabalho realizado na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na Covilhã, constituiu um momento de aprendizagem, que contribuirá certamente para que a autora deste relatório seja uma professora mais consciente e que esteja disponível a novas experiências e aprendizagens. Como Belmira Santos (2007) refere *“ser professor no século XXI requer uma atitude pessoal e profissional de tipo crítico-reflexivo que o leva a repensar e a ajustar o seu desempenho face às situações imprevisíveis e ambíguas da sua prática pedagógica.”*

## Bibliografia e Webgrafia

Aguiar, J.S. (2003). O Jogo no ensino de Conceitos a Pessoas com Problemas de Aprendizagem: *Uma Proposta Metodológica de Ensino*, v.9, n.1, p.79-108. Acedido em Junho 2012, em [http://www.abpee.net/homepageabpee04\\_06/artigos\\_em\\_pdf/revista9numero1pdf/7aguiar.pdf](http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista9numero1pdf/7aguiar.pdf)

Azevedo, E.C. (2011). *É possível aprender brincando?* Acedido em Julho de 2012 no Web site *Texto Registrado*: <http://www.textoregistrado.com.br/exibetexto.php?cod=131712435230438700&cat=extoreg>

Barbosa, M.S. (s.d.) *O Jogo Virtual e o Ensino da Arte*. Revista da Faculdade de Educação. Acedido em Agosto de 2012 no Web site Scielo: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007)

Cabral, A. (2001). *O Jogo no Ensino* - 1ª Edição. Lisboa: Notícias Editorial

Decreto-lei n.º94/2011, de 3 de agosto. *Diário da República n.º 148* - I Série. Ministério da Educação.

Departamento da Educação Básica. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais - Educação Artística*. Lisboa: ME/ DGIDC.

Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Ajustamento do Programa de Educação Visual do 3º Ciclo*. Lisboa: ME/ DGIDC.

Ferreira, Maria Adelaide Pereira (2011). *Leitura Extensiva - O papel das atividades e dos materiais na motivação dos alunos*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Lisboa: Universidade de Lisboa. Acedido em Agosto de 2012, no Web site do Repositório da Universidade de Lisboa: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4150>

Groff, Aline & Trindade, Jorge (2003). *Psicologia e arte: um paradigma estético dos processos de criação*. Acedido em Agosto de 2012, no Web site Sistema de Informação Científica REDALYC (Revistas Científicas da América Latina y el Caribe, Espanha Y Portugal): <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1150/115013455011.pdf>

- Kishimoto (1994) *O lúdico: Jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil*. Acedido em Julho de 2012 no Web site *Pedagogia ao Pé da Letra*: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/monografia-o-ludico-jogos-brinquedos-e-brincadeiras-na-construcao-do-processo-de-aprendizagem-na-educacao-infantil/>
- Meneses, M.S. (2009). *O lúdico no cotidiano escolar da educação Infantil: Uma experiência nas turmas de grupo 5 do Cei Juracy Magalhães*. Monografia. Salvador: Universidade do Estado da Bahia. Acedido em Junho de 2012, em <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-MICHELE-SANTOS-DE-MENESES.pdf>
- Petrauski, J.M., Diaz, M. (2008). *O Lúdico como Recurso Metodológico para o Ensino da Arte*. Acedido em Junho de 2012 no Web site *Dia a dia Educação*: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1659-8.pdf>
- Ryan, J.; Earl, L.; Hargreaves, A. (1996); *Educação para a Mudança*. Porto: Porto Editora
- Raposo, Maria Eugénia Simões (2004). *A Construção da Pessoa: Educação Artística e Competências Transversais*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Acedido em dezembro de 2010, no Web site do Repositório da Universidade Nova de Lisboa: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/77/1/Raposo.pdf>
- Ronsoni (2004). *A ludicidade como instrumento pedagógico para a Construção da lecto-escrita de crianças com dificuldades de Aprendizagem*. Acedido em Agosto de 2012 no Web site Alb: [http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem11/COLE\\_2074.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem11/COLE_2074.pdf)
- Santos, E.A., (2007). *O Lúdico no Processo Ensino-Aprendizagem*. Acedido em Setembro de 2012 no Web site *Need Unemat*: [http://need.unemat.br/4\\_forum/artigos/elia.pdf](http://need.unemat.br/4_forum/artigos/elia.pdf)
- Sousa, Alberto B. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação - 1º volume*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Silva (2011). *O Lúdico como pressuposto de uma educação inovadora nas práticas educacionais dos professores da Educação Infantil*. Acedido em Julho de 2012, no Web site *Educonufs*: <http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%2010/PDF/Microsoft%20Word%20%20Ludico%20como%20pressuposto%20de%20uma%20educacao%20inovadora%20nas%20praticas%20educacionais%20dos%20professores.pdf>

Tomás, A. (2010) *O Corpo na Linguagem Performativa*. Dissertação de Mestrado. Funchal: Universidade da Madeira

Vargas, A.S., Lemes, A. (s.d.) *Uso dos jogos didáticos em sala de aula*. Acedido em Julho de 2012 no Web site Guaiba: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/letras/242.pdf>

Zumpichiatte, D.S. (2009). *Psicopedagogia: Desenvolvendo Competências e Habilidades através do Lúdico*. Monografia. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes. Acedido em Agosto de 2012, em [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/k211659.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k211659.pdf)

### **Webgrafia**

<http://www.dgidc.min-edu.pt/>

<http://repositorio.ul.pt/>

<http://repositorio.up.pt/>

<http://www.educacao.te.pt/>



## Índice de Anexos

Anexo 1 - Projeto Educativo da ESQP

Anexo 2 - Contrato de Autonomia da ESQP

Anexo 3 - Projeto Curricular da ESQP

Anexo 4 - Projeto Curricular de Turma (PCT)

Anexo 5 - Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB)

Anexo 6 - Ajustamento do Programa de Educação Visual do 3º Ciclo

Anexo 7 - Plano de Atividades do Grupo 600

Anexo 8 - Decreto-Lei nº46-1986, de 14 de Outubro

Anexo 9 - Critérios de Avaliação da ESQP para a disciplina de EV

**Os Anexos são digitais. Encontram-se na contracapa.**



## Índice de Apêndices

Apêndice 1 - planos de Aula

Apêndice 2 - Apresentações PowerPoint

Apêndice 3 - Grelhas de Avaliação

Apêndice 4 - Ficha de Observação de Aula

Apêndice 5 - Ficha para registo de informações dos alunos

Apêndice 6 - Planificação a Longo Prazo

Apêndice 7 - Convite Exposição - A Forma

Apêndice 8 - Cartaz Exposição - A Forma

Apêndice 9 - Cartaz Semana “*Artíris*”

Os Apêndices são digitais. Encontram-se na contracapa.

*Documento escrito conforme o Acordo Ortográfico*